

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

RENAN SILVEIRO ROSA

**A COMUNIDADE DE FALA DE PORTO ALEGRE NO ESTUDO
DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: IDENTIFICANDO SUBCOMUNIDADES**

PORTO ALEGRE

2014

RENAN SILVEIRO ROSA

**A COMUNIDADE DE FALA DE PORTO ALEGRE NO ESTUDO
DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: IDENTIFICANDO SUBCOMUNIDADES**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como
requisito parcial para a conclusão do curso de
Licenciatura em Letras.

Profa. Dra. Elisa Battisti
Orientadora

PORTO ALEGRE

2014

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer sinceramente:

À minha família, especialmente minha mãe, Glória, e meu pai, Henrique, pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida e formação.

À minha noiva e melhor amiga, Suelen, compreensiva, amorosa e companheira sempre.

À professora Elisa Battisti, pela orientação dedicada e atenciosa. Agradeço pelo modelo de profissional e pessoa que foi ao longo da graduação e por acompanhar minhas primeiras descobertas sobre variação e mudança no período da monitoria e iniciação científica.

Aos demais professores do curso de Letras da UFRGS, aos participantes do Círculo Linguístico: Morfologia e Fonologia e aos colegas bolsistas e da pós-graduação que passaram pelo grupo de estudos que se encontrava na salinha 214 do Instituto de Letras para um café e boas risadas; à UFRGS e ao CNPq pela concessão das bolsas de monitoria e iniciação científica que financiaram meus estudos.

Aos informantes dos quatro cantos de Porto Alegre, sem cuja disposição e receptividade este trabalho não seria possível.

Aos amigos do time de basquete, a quem dedico este trabalho como mais uma vitória para o nosso currículo.

Em especial, a Deus, pelo amparo e bênçãos concedidas.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma breve discussão sobre a comunidade de fala de Porto Alegre, propondo-se a fornecer critérios para a identificação de subcomunidades dentro de sua extensão geográfica. O estudo orienta-se pelos pressupostos da Teoria da Variação (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), dedicando-se especialmente ao conceito de Comunidade de Fala, unidade social básica para os estudos variacionistas. Metodologicamente, inspira-se na Dialectologia Perceptual (PRESTON, 1989), que investiga a percepção de não linguistas sobre variedades linguísticas distribuídas pelo espaço geográfico. Para a coleta de dados, foram elaborados instrumentos de caracterização dos informantes e seus hábitos, de identificação de atitudes em relação ao local em que vivem e à língua que lá se fala e de levantamento de percepção de variedades regionais através de mapas. Os 8 informantes são todos porto-alegrenses que viveram a maior parte de suas vidas na cidade, de escolaridade de nível superior ou superior incompleto e de classe média a média alta. Os resultados revelam uma atitude positiva dos informantes em relação à cidade em que vivem e ao português falado em Porto Alegre e apontam para a zona centro como a mais relevante linguisticamente, seguida de zonas periféricas de alta densidade populacional e perfil de classe social baixa, localizadas ao norte e ao sul do município. Concluímos que a classe social tem peso sobre percepção de subvariedades em Porto Alegre e que o rezoneamento da cidade em quatro zonas simplificadas é produtivo. Ao final, são apontados caminhos para análises futuras, principalmente no que diz respeito à composição de amostras de entrevistas sociolinguísticas com maior representatividade.

Palavras-chave: variação linguística; comunidade de fala de porto alegre; dialectologia perceptual; atitudes; percepção de variedades linguísticas;

ABSTRACT

This work introduces a brief discussion about the speech community of Porto Alegre, intending to establish a set of criteria for the identification of subcommunities inside its geographic extension. The study is guided by the presuppositions of the Theory of Variation, (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), with especial focus on the concept of Speech Community, a basic social unity for variation studies. The work is methodologically inspired by the Perceptual Dialectology (PRESTON, 1989), which investigates the perception of non linguists towards linguistic varieties as they spread over the geographic space. For data gathering, instruments were created in order to characterize the respondents and their habits, identify their attitudes towards the place where they live and the language spoken there, and to generate data about the perception of regional varieties through maps. The 8 respondents are from Porto Alegre and have lived there for most of their lives, they are middle class or upper middle class undergraduate students or professionals with a university diploma. The results show they have a positive attitude in relation to their city and the type of Portuguese spoken there, also indicating the central region of Porto Alegre as the most linguistically relevant, followed by peripheral areas of high population density and a lower class profile, the ones located at the southern and northern regions of the city. Our conclusions point that Social Class is influential to the perception of subvarieties in Porto Alegre and that the reorganization of the regions of the city in four simplified areas can be productive. Finally, directions to future explorations are pointed out, concerning the sampling of sociolinguistic interviews in a more representative way.

Keywords: linguistic variation; speech community of Porto Alegre; Perceptual Dialectology; attitudes; perception of linguistic varieties;

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

EPTC – Empresa Pública de Transporte e Circulação

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

NURC – Projeto Norma Urbana Culta

OP - Orçamento Participativo

PB – Português Brasileiro

PMPA - Prefeitura Municipal de Porto Alegre

RS – Rio Grande do Sul

SC – Santa Catarina

VARSUL – Projeto Variação Linguística na Região Sul do País

WLH – Weinreich, Labov e Herzog

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1- Mapa das 17 regiões do OP	25
Figura 2 - Proporções de palatalização em diferentes comunidades do Sul do Brasil	27
Figura 3 – Quadro: Zonas simplificadas com base nas regiões do OP.....	43
Figura 4 – Quadro: Estratificação dos informantes	44
Figura 5 - Quadro: Pares de Adjetivos Valorativos x Não valorativos	52
Figura 6 - Mapa desenhado com menor grau de detalhamento na amostra.	55
Figura 7 - Mapa desenhado com maior grau de detalhamento na amostra.	55
Gráfico 1 - Visões positivas x negativas sobre os porto-alegrenses e o português de Porto Alegre.....	53

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	12
3	COMUNIDADE DE FALA	16
3.1	Conceitos pré-variacionistas	16
3.2	Comunidade de fala na Teoria da Variação	18
4	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PORTO ALEGRE	21
4.1	Porto Alegre: alguns elementos sócio-históricos	21
4.1.1	As zonas, regiões e bairros de Porto Alegre	23
4.2	Alguns processos variáveis fonético-fonológicos	25
4.2.1	Palatalização	25
4.2.2	Harmonia Vocálica	28
4.2.3	Vibrante	29
4.2.4	Ditongação “éah”: <i>ingliding</i>	30
5	A PERCEPÇÃO DE VARIEDADES NO ESPAÇO GEOGRÁFICO	32
6	METODOLOGIA	43
6.1	Seleção dos informantes	43
6.2	Instrumentos	44
6.2.1	A ficha social	44
6.2.2	O questionário de atitudes	45
6.2.3	O mapa	46
7	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	48
7.1	Perfil dos informantes	48
7.2	Atitudes	49
7.2.1	Questões dissertativas	50
7.2.2	Teste de pares de adjetivos	51
7.3	Mapas	54
7.3.1	Áreas percebidas	56
7.3.2	Características registradas	56
8	CONCLUSÃO	58

9	REFERÊNCIAS	60
10	ANEXOS	62
10.1	Instrumentos	62
10.2	Informações complementares	75

1 INTRODUÇÃO

No Brasil há muitas formas de falar. Qualquer falante do português brasileiro (PB) é capaz de perceber diferenças entre o falar de um carioca e o de um gaúcho, entre um baiano e um paulista. Essas diferenças são referidas popularmente como *sotaques*, e não raramente vêm acompanhadas de um adjetivo: o baiano fala “arrastado”, o gaúcho fala “cantado”, o carioca fala “chiado”. Todas essas maneiras de se referir às variedades do PB mostram que as pessoas têm impressionante consciência sobre formas alternantes, que se estendem do nível fonológico ao lexical. Vivendo em Porto Alegre, algumas vezes ouvimos as pessoas se referirem ao “porto-alegrês”, melhor dizendo, ao modo peculiar com que o típico porto-alegrense fala e a toda a gama de expressões que ele usa.

O presente estudo visa refletir sobre esses fatos, tão disseminados no imaginário coletivo, entendendo que, se existe um estereótipo do falar do porto-alegrense típico, indícios dele devem existir também dentro da cidade. Sem a ambição de, de fato, localizar estereótipos, o trabalho tem como objetivos a) discutir algumas características de Porto Alegre e aspectos fonético-fonológicos do português falado na cidade à luz da unidade teórica *Comunidade de Fala*; b) apresentar e brevemente discutir dados de *Atitudes e Percepção de Variedades Linguísticas no espaço geográfico* (Preston, 1989) por falantes porto-alegrenses; c) reunir informações que permitam a identificação de subcomunidades de fala dentro de Porto Alegre e que possam delimitar o campo de ação de trabalhos variacionistas futuros.

As hipóteses com que trabalhamos são as de que Porto Alegre é uma comunidade de fala composta de subcomunidades, devido a sua grande extensão e por ser um centro urbano bastante heterogêneo em termos de contingente populacional e atividades a que se dedica; de que seus habitantes têm orgulho de sua cidade e se sentem bem nela, o que assumimos pelos

bons indicadores sociais, como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), e ao bom desenvolvimento econômico local¹.

O trabalho se organiza em sete capítulos a contar da introdução.

O capítulo 2 é sobre variação e mudança linguística e traz os fundamentos teóricos que norteiam o estudo no que diz respeito ao funcionamento do sistema heterogêneo da língua e sua natureza.

O capítulo 3 focaliza a comunidade de fala revisando conceitos básicos sobre o tema e abordando as noções pré-variacionistas e as variacionistas propriamente ditas.

Em seguida, no capítulo 4, discorreremos sobre a história de Porto Alegre, sua estrutura, organização e zoneamento atuais e fazemos uma pequena revisão de trabalhos de variação, de diferentes autores, sobre fenômenos fonológicos pesquisados com informantes de Porto Alegre.

O quinto capítulo apresenta a *Dialetologia Perceptual* como base metodológica do estudo, apresentando seus conceitos básicos e os resultados gerais de trabalhos realizados no Rio Grande do Sul (RS), reunidos por Dennis Preston (1989).

O sexto capítulo descreve os procedimentos metodológicos utilizados no levantamento de dados de entrevistas com 8 informantes porto-alegrenses, de nível superior ou superior incompleto, estratificados por zona de residência, gênero e idade, além de apresentar os instrumentos utilizados.

O penúltimo capítulo apresenta os resultados obtidos na pesquisa juntamente com a discussão que fizemos sobre eles.

Enfim, no capítulo de conclusão, avaliamos o que foi preliminarmente constatado apontando que os informantes da amostra se posicionam positivamente em relação a Porto

¹ Ver mais detalhes no capítulo 4 – Variação Linguística em Porto Alegre.

Alegre e que a zona centro é a mais referida como diferente linguisticamente, seguida de outras áreas mais periféricas que se caracterizam pelo perfil de classe socioeconômica baixa.

2 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

O tema da mudança e variação ganhou maior relevância nos estudos linguísticos a partir da formulação, por Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog (doravante WLH) (2006 [1968]), dos fundamentos empíricos básicos para o estudo da mudança. O texto clássico, entre outros temas, aborda de maneira crítica o fato de que as línguas mudam com o passar do tempo, numa revisão da tradição neogramática, a qual teve a homogeneidade da língua como um princípio básico. Em sua argumentação, os autores procuram opor a realidade da língua, constatada empiricamente, e as teorizações da linguística histórica, que tendia a dissociar as noções de sistematicidade da língua e de heterogeneidade da fala. Nessa perspectiva, a língua, para ser estruturada, precisava ser homogênea, conseqüentemente, toda variação era vista como desvio, limitando-se ao campo da fala, ao comportamento linguístico exclusivamente individual.

Um dos principais focos da crítica dos autores foi a obra de Hermann Paul, o mais influente representante da linguística histórica até o início do século XX (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 39). Um de seus postulados mais problemáticos é a noção de que a origem da mudança se daria no interior do idioleto, ou seja, se daria de indivíduo para indivíduo e não teria relação com a ideia mais geral de estrutura:

O isolamento do indivíduo, pensava Paul, tinha a vantagem de vincular a linguística a uma ciência mais geral da psicologia. O preço deste isolamento, contudo, foi a criação de uma oposição irreconciliável entre o indivíduo e a sociedade. Paul então teve de construir uma ponte teórica para passar do objeto da linguística único e individual para uma entidade transindividual. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 41)

Assim, além de simplificar a questão da mudança, Paul dicotomizava a relação entre indivíduo e sociedade num raciocínio que, embora seja coerente com a crença de homogeneidade da língua, não encontra evidência empírica. Fenômenos dialetais não se

explicavam por essa perspectiva teórica, pois os dialetos eram concebidos como agrupamentos de idioletos idênticos.

A argumentação de WLH se sustenta nas evidências, obtidas em trabalhos anteriores, de que o fato de os falantes apresentarem diferenças entre si é na verdade uma característica inerente da língua, que não se contrapõe à noção de estrutura, encontrando no aspecto social, e não no individual, sua motivação (p. 125). Em linhas gerais, os autores postulam que o axioma da *homogeneidade*, que idealiza uma língua de estrutura invariável e rejeita as realizações “acidentais” e os “desvios” da fala, deveria ser substituído pelo da *heterogeneidade ordenada*, em que a variação e a mudança ocorrem de forma estruturada, relacionando-se igualmente com a sociedade e com o sistema da língua (p. 36).

Mesmo no período que sucedeu ao neogramático, no início do século XX, com o estruturalismo saussuriano, os avanços mais significativos disseram respeito à diluição do psicologismo da linguística histórica - língua do falante-ouvinte ideal (idioleto) isolada da sociedade - mas não avançaram muito no tratamento da heterogeneidade ordenada. As dicotomias *langue/parole* e *diacronia/sincronia*, apresentadas no *Curso de Linguística Geral*², delimitaram a língua sincrônica como objeto de estudo da linguística, porém mantiveram a necessidade de recortes homogêneos que de alguma forma representassem um sistema coeso e abstrato compartilhado na mente dos falantes:

Para garantir a realidade psicológica do objeto da investigação sincrônica, Saussure exige [...] que tal objeto seja homogêneo. O objeto da linguística sincrônica, argumenta ele, não é tudo o que é simultâneo, mas somente aqueles fatos simultâneos que pertencem a uma mesma língua. A separação de objetos de estudo legítimos, isto é, homogêneos, têm de prosseguir “na medida em que for necessária [...] até os dialetos e os subdialetos” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 55-56)

Com o texto de WLH, foram lançados importantes pressupostos para a Sociolinguística Variacionista, área em que se desenvolveria a Teoria da Variação a partir dos estudos

² SAUSSURE, 2006 [1916].

clássicos de Labov em Martha's Vineyard - *The social motivation of a sound change*, em 1963³ - e Nova York – *The social stratification of English in New York city*, em 1966⁴.

No trabalho de 1963, Labov procurou relacionar variantes linguísticas a padrões de atitude social dos falantes em relação à comunidade de Martha's Vineyard, uma ilha com economia fortemente baseada no turismo e na pesca, embora esta já estivesse em declínio na época. Dividindo a ilha em duas zonas, o autor pôde perceber alta correlação entre os índices de centralização do núcleo dos ditongos /aj/ e /aw/ e a vontade de permanecer ou não na ilha. De modo geral, os habitantes que se identificavam com valores e tradição locais – normalmente moradores da ilha alta - tendiam a centralizar a vogal, marca típica do falar vineyardense, por outro lado, pessoas que se sentiam atraídas pelo modo de vida americano moderno – normalmente da ilha baixa - tendiam à não centralização.

Em *The social stratification of English in New York city*, mais especificamente no estudo sobre as lojas de departamento de Nova York, o foco era verificar o uso de /r/ pós-vocálico em coda silábica na cidade de Nova York a partir de observações anônimas. Estratificados de acordo com o status socioeconômico de 3 lojas de departamento nova-iorquinas (status superior, médio e inferior), os vendedores responderam a perguntas que estimulavam o uso inconsciente das variantes alvo do estudo, como *fourth* (quarto) e *floor* (pisso). O grau de correspondência nesse caso também foi elevado, com maior uso do /r/ na loja de status superior, uso moderado na de status médio e baixo uso na de status inferior.

Os estudos, portanto, fornecem provas de que os fenômenos variáveis não só são observáveis sincronicamente, mas também apresentam surpreendente sistematicidade dentro das comunidades em que são empregados. Tal observação se contrapõe à ideia de que formas alternantes coexistem de forma livre na comunidade, uma vez que sempre encontram fatores condicionantes sociais ou linguísticos.

³ LABOV, 1963 apud LABOV, 2008 [1972], p. 19 et seq.

⁴ Idem, 1966 apud Ibidem, p. 63 et seq.

Comunicando-se entre si, interagindo e vivendo num mesmo local, os membros de uma comunidade de fala seguem utilizando-se de “meios alternativos para dizer ‘a mesma coisa’” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 97), ou seja, não se comportam de forma totalmente coesa dentro de um agrupamento de idioletos. Um dos princípios gerais para o estudo da mudança apontados por WLH diz que:

As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente conscientes. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 126)

A sociolinguística variacionista passa então a se apropriar da comunidade de fala como unidade básica, respeitando o caráter comprovadamente heterogêneo da língua. A ilusão da homogeneidade da estrutura é deixada de lado e a variação governada por regras assume um papel central no estudo da mudança. A competência do falante-ouvinte, no mesmo sentido, passa a incluir o domínio sobre as estruturas heterogêneas existentes na sua comunidade de fala.

3 COMUNIDADE DE FALA

3.1 Conceitos pré-variacionistas

A discussão sobre a comunidade de fala tem evoluído juntamente com os estudos sociolinguísticos variacionistas. Entretanto, algumas das primeiras formulações de subgrupos caracterizados por seus usos linguísticos tiveram início na dialetologia tradicional, ou geografia dialetal, por volta do fim do século XIX (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p.). À época, dialetólogos, observando as diferentes maneiras com que as pessoas falavam, se dedicaram a levantamentos de formas linguísticas de acordo com sua distribuição espacial. Os dados colhidos em campo se mostraram reveladores de uma realidade linguística até então não estudada com maior sistematicidade. Essa corrente de estudos foi responsável por revelar diversas evidências sobre a heterogeneidade da língua, reunindo sob o conceito de *dialecto variedades* que fossem “fonológica e gramaticalmente diferentes de outras variedades” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1998, p. 5, *tradução nossa*).

Os métodos implantados permitiram a identificação de regiões dialetais delimitadas por características linguísticas recorrentes entre os habitantes de cada localidade. Essas regiões passaram a ser representadas em mapas, normalmente através de *isoglossas*, “linhas que marcam os limites entre duas regiões que diferem em relação a algum traço linguístico” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 103, *tradução nossa*). Assim, quaisquer fatores históricos, culturais e sociais seriam associados a realizações linguísticas, o que contribuiu para que os falares regionais fossem estudados também como um aspecto da construção identitária de uma região. Para Chambers e Trudgill:

Num sentido amplo, isoglossas podem ser entendidas como um aspecto da cultura local da região que elas delimitam, uma vez que um falar regional distintivo contribui para a sensação de comunidade. Dialetólogos ocasionalmente notaram que suas isoglossas se correlacionam de maneira considerável com algum outro aspecto

da cultura local. Dessa maneira, eles conseguiram adicionar uma dimensão linguística à sócio-história daquela região. (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 120. *Tradução nossa.*)⁵

O estudo dos dialetos, portanto, se mostra importante para a identificação de variedades regionais que, basicamente, são compostas por ocorrências linguísticas similares produzidas por um número considerável de habitantes de uma localidade, região, etc. A representação geográfica dessas ocorrências é feita através de mapas capazes de mostrar uma versão aproximada do que seriam os limites de um determinado dialeto, ou seja, até onde são encontradas as formas linguísticas que caracterizam o falar típico daquela região. Como vimos, a noção de *comunidade* nessa perspectiva tem um caráter mais geral, em que a dimensão linguística é uma parte de sua estrutura, assim como o são a cultura e a história, por exemplo.

Passemos agora a tratar das visões de Ferdinand de Saussure a cerca da língua em sociedade, como um representante do enfoque estruturalista sobre o tema, anterior à sociolinguística variacionista. Em sua definição dos termos clássicos *langue* e *parole*⁶, o estudioso faz uma distinção importante sobre o caráter social e o individual da língua. Para ele, *langue* referia-se ao sistema de signos compartilhado entre os falantes e *parole* à fala, ou seja, à parcela exclusivamente individual da linguagem, aquela que diz respeito aos enunciados produzidos por cada pessoa. Toda heterogeneidade fica então reservada ao campo da *parole*.

Claramente, embora reconheça a possibilidade de haver uma linguística da fala, a dicotomia proposta por Saussure, como vimos anteriormente, se opõe a um dos princípios básicos da sociolinguística variacionista, o de que os fenômenos variáveis são também parte do sistema linguístico. Nesse contexto, o interesse do autor ao abordar o tema da língua em

⁵ No original: “In a broad sense, isoglosses may be thought of as one aspect of the local culture of the region which they delimit, in so far as a distinctive regional speech contributes to a sense of community. Dialectologists have occasionally noted that their isoglosses correlate fairly closely with some other aspect of local culture. In so doing, they have been able to add a linguistic dimension to the social history of that region.”

⁶ Cf. SAUSSURE, 2006 [1916]

sociedade recai sobre a inevitável evidência de que a sistematicidade da língua é mantida mesmo que os indivíduos não falem todos da mesma maneira, devido a uma aparente imutabilidade, apesar da arbitrariedade do signo linguístico:

Se, com relação à ideia que representa, o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade linguística que o emprega, não é livre: é imposto. Nunca se consulta a massa social nem o significante escolhido pela língua poderia ser outro. (SAUSSURE, 1916 [2006], p. 85)

O que ele chama de *comunidade linguística* refere-se ao grupo de pessoas que se utilizam da língua diariamente exercendo sua capacidade natural para a linguagem. Em seus próprios termos, a “massa social” é o que garante que o sistema de signos não seja modificado a cada variação individual, pois “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 85).

Ainda que tenha um papel importante, este lado social da língua não é abordado no sentido do uso em sociedade, mas como um recurso teórico explicativo sobre o próprio objeto da linguística, conforme o define Saussure. O termo *comunidade linguística*, ou *massa falante*, tampouco é usado para nomear uma unidade diferenciada de análise.

3.2 Comunidade de fala na Teoria da Variação

A comunidade de fala, neste trabalho, está sendo compreendida nos termos utilizados por Labov (2008 [1972]), em que é definida não como um grupo de indivíduos que falam da mesma maneira, mas como um grupo que se destaca de outros pelo compartilhamento de alguns determinados traços linguísticos. Os membros de uma comunidade de fala também dividem normas em relação à língua que podem dizer respeito a seu comportamento avaliativo explícito e a sua reação a formas, isto é, uma série de valores, julgamentos, atitudes mais ou menos uniformemente praticados dentro da comunidade.

Retomando a oposição *social-individual* (assim como *langue-parole*, *dialeto-idioleto*), a comunidade de fala, e não o falante individual, é utilizada em sociolinguística como unidade básica de referência para a explicação das motivações internas e externas da variação e mudança, como resume Guy, a comunidade de fala:

Fornecer, em primeiro lugar, uma base fundamentada para explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, a razão por que certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos de falantes. Em segundo lugar, a noção de comunidade de fala fornece uma justificativa teórica para unir os idioletos de falantes individuais (que são os únicos objetos linguísticos cuja existência se pode realmente observar), em objetos maiores, as línguas (que são, na verdade, construções abstratas). (GUY, 2000, p. 18)

Observando as definições de maior consenso entre sociolinguistas, o autor destaca três características principais da comunidade de fala: i) características linguísticas compartilhadas (palavras, sons, construções gramaticais usados na comunidade, mas não fora dela); ii) densidade de comunicação interna relativamente alta (as pessoas falam mais frequentemente com outras do grupo e não de fora dele); iii) normas compartilhadas (atitudes, normas e avaliações sociais em comum sobre o uso da língua, sobre a direção da variação estilística e sobre variáveis linguísticas).

Se retomarmos o exemplo de Martha's Vineyard, a centralização do núcleo dos ditongos /aj/ e /aw/ é caracterizadora do falar da comunidade, como em i); o fato de a centralização de /aj/ e /aw/ ser encontrada em toda ilha não significa que todos na ilha falem da mesma maneira, pelo contrário, os falantes da ilha alta (área rural muito ligada à prática da pesca e da agricultura) apresentam maiores índices de aplicação da regra que os da ilha baixa (área onde se concentra a maior parte da população permanente), o que pode se explicar pelas diferenças de densidade de comunicação, como em ii); além das diferenças geográficas entre a ilha alta e a ilha baixa, foi verificado no estudo que o desejo de permanecer na ilha (mais comum na ilha alta), assim como o de sair da ilha (comum na ilha baixa), exercem forte

pressão social no que diz respeito à manutenção da identidade vineyardense, o que pode ser entendido como uma norma vigente na comunidade, como em iii).

4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PORTO ALEGRE

Como vimos, uma comunidade de fala pode ser definida pelos traços linguísticos encontrados entre seus membros, por isso faremos uma pequena revisão de literatura sobre a fonologia do português falado em Porto Alegre. Alguns dos trabalhos revisados foram elaborados no sentido de fornecer panoramas, ora do português brasileiro, ora do português do RS. Aqui exporemos, preferencialmente, os resultados obtidos, por diferentes autores, para a localidade foco do nosso estudo, fazendo referência sempre que possível às diferenças entre Porto Alegre, o interior do RS e outras regiões do Brasil.

Antes, no entanto, faremos um breve relato da história de Porto Alegre, abordando elementos que possam auxiliar a compreender algumas de suas características linguísticas.

4.1 Porto Alegre: alguns elementos sócio-históricos⁷

Em 1680, muitos anos após a queda das demarcações do tratado de Tordesilhas, em 1494, os portugueses fundaram a Colônia de Sacramento, hoje cidade de Colônia, no Uruguai. O litoral do RS passou a ser ponto estratégico em função da garantia da posse e colonização da Colônia de Sacramento. Em razão do desinteresse de Portugal e da presença limitada da Espanha no continente, alguns portugueses puderam ocupar terras sem dono até 1640, quando Portugal readquire sua soberania em relação à Espanha. Ao norte da Lagoa dos Patos, próximo ao estuário do Guaíba, surgiram os campos de Viamão e os campos de Tramandaí, que atraíram pessoas devido à beleza natural e à riqueza de bacias ribeirinhas, o que facilitava o acesso ao interior.

⁷ A maior parte dos dados desta seção foram retirados de: PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE; SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA; CENTRO DE PESQUISA HISTÓRICA, sem ano. Outros autores são referidos no corpo do texto.

Em 1732, três proprietários de estâncias, Sebastião Francisco Chaves, Jerônimo de Ornellas Menezes Vasconcellos e Dionysio Rodrigues Mendes, ocuparam a área que se estendia, de norte a sul, desde o Rio Gravataí até o Arroio do Salso, tendo como limite o Rio Guaíba. As terras desses estancieiros compreendiam regiões que viriam a ser importantes para a formação de Porto Alegre: a do Arroio Dilúvio, Arroio Cavalhada, estância de Sant'ana - localizada na área conhecida hoje como Morro Santana -, Ponta do Gasômetro - região importante por possuir um porto de embarque de mercadorias -, que mais tarde receberam os nomes de Porto de Viamão e Porto de São Francisco dos Casais, em homenagem aos casais açorianos que ali permaneceram.

Com o tempo, mais e mais açorianos migraram de outras partes do Brasil para a região da Ponta do Gasômetro e Viamão. O lago Guaíba teve papel fundamental no desenvolvimento urbano de Porto Alegre, pela chegada de outros núcleos populacionais e pela prática da pesca e construção de barcos. A cidade se expandiu em torno da Praça da Harmonia que, em seguida, foi transferida para o Morro da Praia, atual Praça Marechal Deodoro, também conhecida como Praça da Matriz, no Centro Histórico. Em 26 de Março de 1772, foi criada a Freguesia de São Francisco de Porto dos Casais, com serviços públicos próprios e mais independente de outras áreas do continente. De freguesia passou a vila e, em 1822, se tornou cidade, recebendo o nome de Porto Alegre.

Conforme Souza (2012), nesse período chegaram os primeiros imigrantes alemães, instalando-se com restaurantes, pensões, pequenas manufaturas e estabelecimentos comerciais. A área urbana de Porto Alegre intensificou seu crescimento a partir de 1845. Durante a Guerra do Paraguai, recebeu melhorias como estaleiros, quartéis, serviço telegráfico. Em seguida, foram construídos os primeiros bondes e a Usina do Gasômetro para geração de energia. Em 1940, a população já era de aproximadamente 385 mil habitantes, contando com uma rede ferroviária para o interior do estado.

Hoje a cidade tem população estimada de 1.467.823 habitantes⁸, a décima mais populosa do Brasil. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,805⁹, o que a torna uma das 30 melhores em saúde, renda e educação. O principal setor da economia de Porto Alegre é a indústria, sendo que outros setores, inclusive o rural, também se desenvolvem diversificando a economia. Sua formação passou pelo acolhimento de imigrantes de diferentes origens étnicas, como italianos e poloneses, por exemplo. Por ter se tornado um polo cultural e econômico no sul do país, a capital gaúcha apresenta grande miscigenação e um perfil cosmopolita em relação ao interior de estado.

4.1.1 As zonas, regiões e bairros de Porto Alegre

A secretaria de urbanismo, por meio do *website*¹⁰ da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA), disponibiliza mapas digitais da cidade, com bairros vigentes, logradouros e regiões do Orçamento Participativo (OP). Ao todo, são 81 bairros oficiais e 17 regiões do OP, as quais são delimitadas de acordo com os bairros que abrangem e nomeadas conforme sua localização geográfica ou bairros mais importantes (ver Anexo 6).

A lei de denominação e delimitação de bairro mais antiga data de 1957 e criou o bairro Medianeira, mas foi em 1959 que a maioria dos bairros ainda existentes na cidade foram instituídos. Os bairros mais recentemente criados em Porto Alegre, todos de 2011, são o Campo Novo, Hípica e Chapéu do Sol. Os mais populosos são o Rubem Berta (87.367 habitantes), o Sarandi (59.707 moradores), a Restinga (51.569 habitantes) e a Lomba do Pinheiro (51.415 habitantes).

⁸ Fonte: IBGE - Estimativas da população residente nos municípios brasileiros com data de referência em 1º de julho de 2013.

Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2013/estimativa_2013_dou.pdf>. Acessado em 02/07/2014.

⁹ Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM.

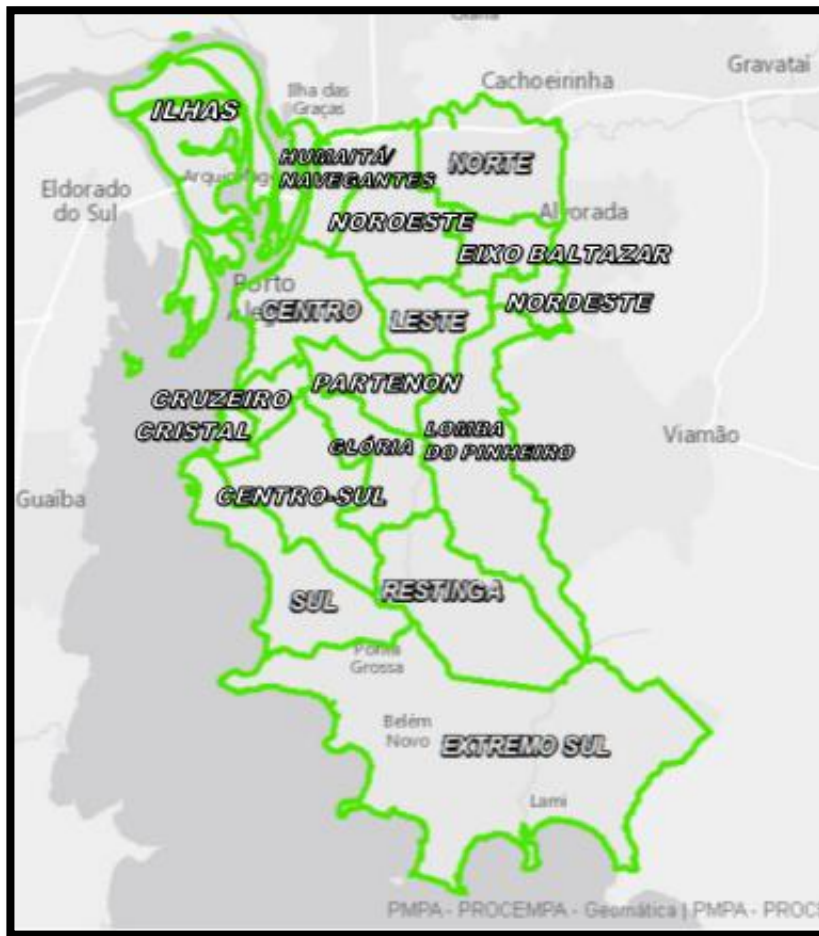
Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431490>>. Acessado em 02/07/2014.

¹⁰ Veja-se <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/porta/pmpa_novo/>

As regiões do OP têm a finalidade de reunir os residentes dos bairros, compreendidos em pequenas assembleias, para definir a destinação de investimentos públicos, promovendo a participação popular. As 17 regiões cobrem todo o território da capital, inclusive o bairro Arquipélago, conjunto de 16 ilhas ao norte do rio Guaíba (ver Figura 1). Apesar de as regiões serem agrupamentos de bairros que facilitam processos administrativos, como a destinação de recursos definida pelo OP, estas não são comumente referidas pelos porto-alegrenses no dia a dia para fins de localização espacial. Mais comuns são as chamadas zonas *sul*, *leste*, *norte* e *centro* da cidade, divisões não oficiais e sem registro em mapas, mas aparentemente do conhecimento geral da população. A Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), órgão da PMPA que faz a gestão dos meios de transporte no município, divide as linhas de ônibus nessas quatro zonas¹¹. Talvez seja essa a razão de a população adotar a divisão em zonas para se situar em Porto Alegre, como também para denominar suas áreas, mas referências abertas às quatro zonas de Porto Alegre podem ser vistas também em anúncios de imóveis, serviços, comércio, entre outros.

¹¹ Veja-se <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/eptc/usu_doc/mapa_transporte2012.pdf>

Figura 1- Mapa das 17 regiões do OP



Fonte: <http://mapas.procempa.com.br/porto_alegre_em_mapas/index.html>.

Acessado em: 06/07/2014.

4.2 Alguns processos variáveis fonético-fonológicos

4.2.1 Palatalização

Bisol (1991) analisa a palatalização das oclusivas /t d/ ([t]ia~[tʃ]ia; [d]izer~[dʒ]izer) na fala de 60 informantes de quatro grupos geográficos do RS: Porto Alegre, Livramento, Taquara, Monte Bérico, Veranópolis. A Autora entrevistou 15 informantes de cada localidade nos anos 80. Os informantes de Porto Alegre se diferenciaram das outras cidades

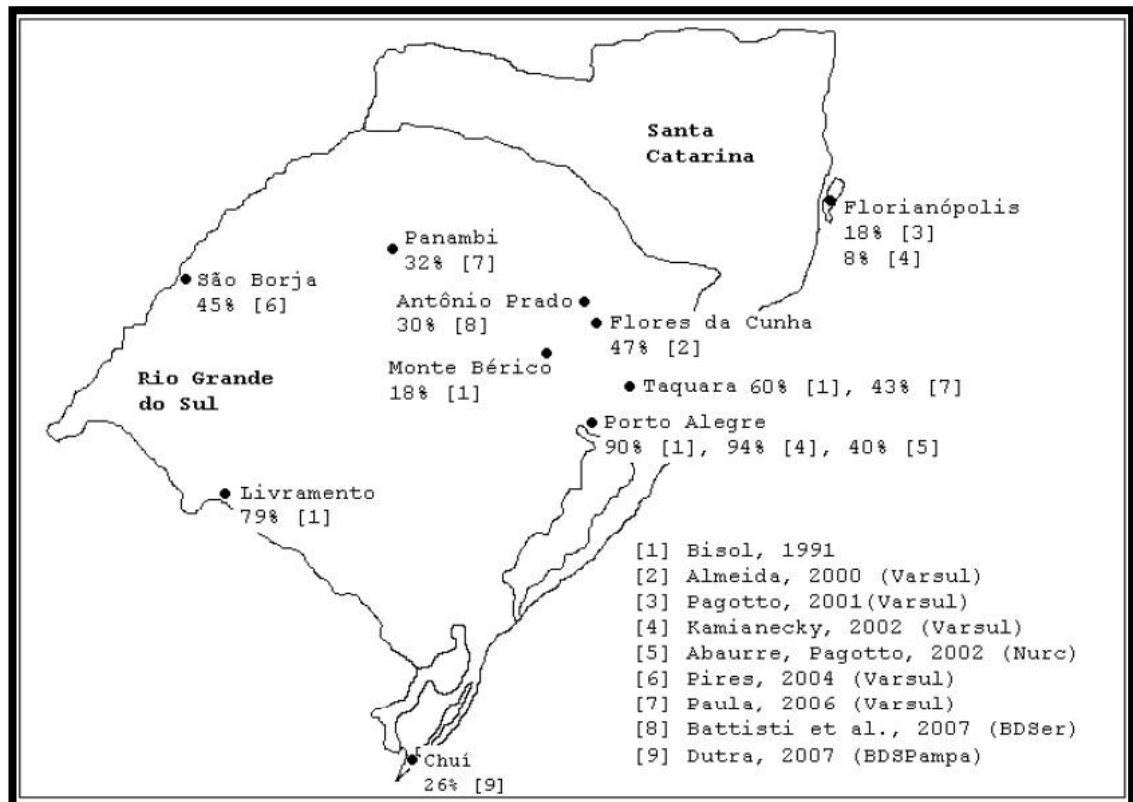
estudadas por serem monolíngues-português, enquanto todos os demais apresentavam algum grau de bilinguismo. A frequência total de aplicação foi de 65%, mas Porto Alegre apresentou 90%, 11% a mais que a segunda colocada: Livramento. Com base nesses dados Bisol verificou que a palatalização é favorecida pelos metropolitanos e fronteiriços, e desfavorecida nas demais áreas. Nos metropolitanos e fronteiriços, o processo é favorecido nas posições relativamente mais fortes da palavra, nos italianos e alemães, nas posições mais fracas. Jovens palatalizam mais em todos os grupos étnicos.

Kamianecky (2002) investiga a fala de 16 informantes do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), 8 de Porto Alegre e 8 de Florianópolis. Em Porto Alegre, a frequência total de aplicação da regra foi de 94%, enquanto que em Florianópolis a frequência foi de 8%. A variável Grupo Geográfico mostrou-se a mais significativa dentre todos os grupos de fatores, seguida por *tipo de vogal alta, sexo, tonicidade, idade e contexto precedente*, nessa ordem. A tendência a aplicar a regra é maior com a vogal anterior alta subjacente, em sílaba átona e com a consoante lateral e as contínuas coronais no contexto precedente. Mulheres e indivíduos de menos de 50 anos tendem a palatalizar mais do que homens e indivíduos com mais de 50 anos. Os resultados permitiram à autora concluir que a aplicação da palatalização é categórica em Porto Alegre, mas restrita em Florianópolis.

Battisti e Guzzo (2009) fazem revisão de literatura sobre a palatalização no sul do país para investigarem o fenômeno em Chapecó, Santa Catarina (SC). Foram revisados trabalhos realizados com informantes de diversas comunidades da região sul, como Flores da Cunha (RS), Florianópolis (SC), São Borja (RS), Taquara (RS), Panambi (RS), Chuí (RS) e Antônio Prado (RS), além dos já referidos trabalhos de Bisol (1991), com dados de Livramento, e de Kamianecky (2002), com dados de Florianópolis e Porto Alegre.

As autoras organizam os resultados de cada localidade em mapa, conforme Figura 2.

Figura 2 - Proporções de palatalização em diferentes comunidades do Sul do Brasil



Fonte: Battisti e Guzzo (2009, p.102)

Battisti e Guzzo (2009) identificam, concordando com Bisol (1991), Porto Alegre e Livramento como as duas comunidades mais palatalizadoras, contrastando com as outras localidades do estado e com a capital catarinense, que apresentaram valores moderados ou baixos de aplicação da regra de palatalização.

Estes estudos nos permitem dizer que a palatalização das oclusivas alveolares é um traço forte do falar porto-alegrense em oposição ao interior do estado, uma vez que se aplica com índices próximos aos 90%, se caracterizando como regra quase categórica.

4.2.2 Harmonia Vocálica

Bisol (2009) reuniu em artigo dados de estudos sobre harmonia vocálica e alçamento da pretônica sem motivação aparente. A variável observada em análise quantitativa consistia no alçamento de /e/ e /o/ em sílaba pretônica de palavras com e sem vogal alta (menino~minino; coruja~curuja / cebola~cibola; colégio~culégio). Na análise, são apresentados dados da década de 80, cujos informantes foram divididos em metropolitanos, fronteiriços, italianos e alemães. Parte dos resultados são de Bisol (1981) em que a pesquisadora concluiu que a regra ocorre de forma moderada no dialeto gaúcho, sendo menos utilizada entre os jovens, o que indicava regressão da aplicação. Porto Alegre aparece no estudo com índices de 35% para os dados de harmonização vocálica (com vogal alta na palavra) e de apenas 7% para os de alçamento da pretônica (sem vogal alta na palavra) com a vogal /e/. Com a vogal /o/, os índices são de 52% e 30%. As frequências de aplicação de harmonização vocálica e alçamento da pretônica entre os fronteiriços, italianos e alemães tiveram valores próximos aos de Porto Alegre, sem grandes diferenças em termos de peso relativo.

Schwindt (1995, 2002) revisita o tema da harmonização vocálica no dialeto gaúcho, porém sem os dados em que não há vogal alta na palavra. Seus dados são do VARSUL, divididos conforme os quatro grupos étnicos analisados por Bisol (1981). Os resultados para todas as localidades, assim como os de Bisol, mostraram uma frequência moderada de harmonização, o que não permitiu ao autor uma conclusão sobre a influência da etnia ou da região.

Casagrande (2004) realiza análise em tempo real do fenômeno buscando observar mudanças no caráter estável da regra verificado em trabalhos anteriores. A pesquisa concentra-se em dados de Porto Alegre (NURC – Projeto Norma Urbana Culta e VARSUL) dos anos 70 e 90 e revela declínio nos índices de aplicação da regra, tanto em termos

percentuais quanto em tempo aparente, ou seja, a regra se encontra em processo de regressão no dialeto.

4.2.3 Vibrante

Monaretto (2002) registra a tendência, verificada em diversos trabalhos, de o /r/ pré-vocálico, em início de palavra ou sílaba (rato; honra), passar de vibrante alveolar a fricativo velar e de o /r/ pós-vocálico, em final de palavra e em coda silábica (mar; carta), ser predominantemente realizado como *tepe* no sul do Brasil. O estudo, com informantes de Porto Alegre, faz análise em tempo real com dados de vibrante pós-vocálica de diferentes épocas – 1970 (NURC); 1989 (VARISUL); 1999 (VARISUL, amostra ampliada).

Os resultados obtidos apontam aumento da queda da vibrante pós-vocálica e diminuição do *tepe* pós-vocálico num período de aproximadamente 30 anos, indicando a substituição de um pelo outro, processo que se encontra mais avançado em outras regiões do país. Em relação ao apagamento da vibrante, a autora observa que ocorre predominantemente em contexto de final de palavra e com verbos. Em análise em tempo aparente, a queda da vibrante pareceu se expandir entre os mais jovens, sugerindo mudança em progresso. Na análise em tempo real, com informantes recontatados do NURC, o que se verificou, no entanto, foi o maior apagamento do /r/ final à medida que os informantes se tornam mais velhos e, nas análises individuais, tal comportamento instável foi interpretado como *gradação etária*.

Monaretto (2002) conclui que a realização da vibrante no sul do Brasil encontra-se em processo de mudança, com a variante típica, o *tepe*, dando lugar ao apagamento, o qual já é característico de outras partes do país. Outras variantes da vibrante pós-vocálica (alveolar, retroflexa, fricativa velar) têm comportamento estável com proporções praticamente nulas de aplicação em Porto Alegre.

4.2.4 Ditongação “éah”: *ingliding*

Battisti (2013) discute o status de uma variante encontrada em Porto Alegre e muitas vezes associada ao típico porto-alegrense, estereotipado na figura do “magrão”, termo equivalente a *pessoa descolada*, segundo nota da autora. O fenômeno consiste na pronúncia peculiar de vogais em palavras como *né~néah*, *ái~aíah*, *tudo~tuahto*¹², percebidas como alongamento ou como inserção de um “a”. É discutido o status do processo, se ditongação¹³ ou *ingliding*¹⁴, para posterior conclusão com base em medições acústicas que se trata de *ingliding*. Embora não haja análise de regra variável sobre o fenômeno, ele parece ser bastante reconhecido pelos porto-alegrenses como marca característica do falar local, o que se confirma através dos dados de uma falante prototípica do falar de Porto Alegre, colhidos pela autora para análise fonética.

Os trabalhos revisados compreendem apenas uma parte do que já se estudou sobre o português falado em Porto Alegre, no entanto, eles nos fornecem informações básicas importantes sobre essa variedade. Sabemos que o processo de palatalização de /t, d/ está bem estabelecido na comunidade, com pouca variação e altas proporções de aplicação. A regra de harmonia vocálica não é significativamente condicionada pelas variáveis etnia e localidade e mostra um padrão moderado de aplicação com tendência a regredir. A vibrante pós-vocálica basicamente realiza-se através de duas variantes no estado: o *apagamento* e o *tepe*, sendo que a primeira tende a substituir a segunda com o passar dos anos. Há registro na capital de um processo pouco estudado, mas bastante referido como característico do falar porto-alegrense:

¹² Ver considerações sobre a representação ortográfica *ah* em Battisti (2013, p. 65).

¹³ Nos moldes de Bisol (1989, 1994, 2012 apud Battisti, 2013), ditongação produzida por assimilação de traços de uma consoante vizinha, como em *mês~mêis*.

¹⁴ Nas palavras da autora: “Labov, Ash e Boberg (2006) explicam que esse tipo de realização vocálica, chamada *ingliding*, distingue-se da ditongação que cria glides altos justamente porque seu aspecto caracterizador não é a elevação ou abaixamento da língua, mas principalmente seu distanciamento dos pontos periféricos (anterior e posterior), no espaço vocálico, o que é captado na análise acústica pelos valores de F2.” (BATTISTI, 2013).

um tipo de ditongação, não condicionada pela assimilação de traços de fonemas vizinhos, que produz uma vogal centralizada, o chamado *ingliding*.

Neste trabalho, nos interessa investigar em que medida essas e outras características são percebidas pelos falantes de Porto Alegre e se, de alguma maneira, elas contribuem para a emergência de subcomunidades de fala.

5 A PERCEPÇÃO DE VARIEDADES NO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Tradicionalmente em sociolinguística variacionista, o paradoxo do observador, apontado por Labov (1972), tem sido motivo de atenção dos pesquisadores na realização da coleta de dados. A presença do pesquisador e o fato de os informantes estarem sendo entrevistados podem exercer influência sobre o tipo de resposta por eles dada. A opinião sobre língua não é primordial nesse tipo de abordagem, mas sim os dados linguísticos genuínos inconscientemente produzidos pelas pessoas.

Em seu livro, *Perceptual Dialectology: non-linguists' views of areal linguistics*, de 1989, Dennis Preston se propõe a justificar a necessidade de se estudar a percepção de não-linguistas sobre fenômenos linguísticos. O primeiro tópico abordado é a tradição dialetológica, que tem na performance linguística de informantes sua principal fonte de dados e na distribuição de variantes pelo espaço, seu principal objetivo. Via de regra, as opiniões abertas dos falantes sobre a língua que falam não são tratadas como categoria de análise nos estudos linguísticos. Pelo contrário, dialetólogos e sociolinguistas se esforçam no sentido de minimizar os efeitos do observador sobre a performance dos informantes. Assim, o dado ideal se tornou aquele de um informante desatento ao fato de que está sendo analisado.

O estudo das percepções e atitudes, entretanto, não foi totalmente negligenciado, diz o autor. Outras abordagens, como a da sociologia da linguagem e da Psicologia social, buscaram tanto identificar a validade de formas linguísticas segundo o julgamento dos falantes quanto observar as reações deles a outros falares.

Partindo disso, Preston (1989) molda mais concretamente a distinção entre as opiniões cobertas (indiretas, percebidas pelo pesquisador) e abertas (diretas, conscientemente produzidas pelo falante), levantando perguntas como *qual o entendimento do falante comum sobre variação linguística? Que características são tidas pelos falantes como importantes*

para as diferenças linguísticas? Como eles acreditam que as diferenças se distribuem geograficamente? O que eles pensam sobre as causas e o valor das variedades linguísticas?

Em estudos que consideram língua e sociedade, as respostas para essas perguntas, ainda que não definam o impacto que as opiniões abertas têm sobre o curso da variação e mudança, são importantes fatores para a identificação do sistema de crenças compartilhadas numa comunidade de fala, por exemplo.

No campo da Etnografia da Fala, a *Folk linguistics* tomou corpo e se encarregou de dar valor à categorização dos fatos de uma língua sob o ponto de vista dos usuários, e não dos linguistas. Muitos foram os estudos de atitudes dos falantes, conduzidos de maneira a identificar as categorizações do input linguístico em termos de amigável/não-amigável, agradável/não- agradável, entre outras distinções semânticas, mas raramente os resultados são cruzados com a percepção da origem do *input*, o que, segundo Preston (1989), dificulta a interpretação dos resultados de atitude.

Nos estudos sociolinguísticos, as amostras são constituídas cuidadosamente dentro do espectro daquilo que o pesquisador acredita ser uma distribuição representativa da comunidade de fala, mas as conclusões a que os próprios informantes chegam sobre os limites de sua comunidade não são um critério na maioria dos casos. Para a Etnografia da Fala (embora o tenha feito preferencialmente em comunidades consideradas exóticas), entretanto, definir a competência comunicativa dos falantes passaria por considerar o contexto e a estrutura de ideias por trás dos eventos comunicativos, levando em conta, no mínimo, os seguintes fatores: 1) crenças sobre a distribuição geográfica dos falares; 2) crenças sobre o padrão e as variedades preferidas na língua; 3) a percepção sobre os graus de diferença entre o falar local e o de comunidades vizinhas; 4) Imitações de traços de outras variedades; 5) Relatos/anedotário sobre como essas crenças surgem e persistem.

Os primeiros estudos que buscaram mapear as percepções e crenças de falantes comuns sobre língua contaram com questionamentos sobre a similaridade entre variedades e sua distribuição geográfica. O método das *Little Arrows*¹⁵ aplicado por Rensink (1955)¹⁶ na Holanda, conectava áreas através de linhas no mapa de acordo com as *similaridades* de fala segundo os informantes. Kremer (1984)¹⁷ conduziu estudo parecido para verificar o grau de coincidência entre os limites político e linguístico da fronteira Holanda-Alemanha.

Grootaers (1959)¹⁸, por sua vez, estudou o Japão baseando seu mapeamento de crenças nas *diferenças* entre variedades. Seus resultados apontam que os informantes sempre notam alguma diferença entre variedade local e as vizinhas, o que se apresenta como um problema para uma análise que não considere também as similaridades. Weijnen discute que, na comparação com o tipo de pergunta feita na Holanda (*em quais locais da sua área as pessoas falam o mesmo ou quase o mesmo dialeto que você?* [tradução nossa]) e a feita no Japão (*A língua falada neste vilarejo é de algum modo diferente da que se fala no vilarejo vizinho?* [tradução nossa]), é alta a possibilidade de que as pessoas respondam “sim” para a segunda pergunta, tendo em vista que os falantes sempre sentem alguma diferença em relação ao outro.

Grootaers ainda diz, segundo cita Preston (1989), que as respostas obtidas normalmente coincidem com fronteiras políticas e históricas, o que, conclui, serve como prova de que não são dadas com base linguística. Mesmo assim, o autor compreende que, mais do que estabelecer as fronteiras entre dialetos, a percepção e as crenças dos falantes podem ser úteis para identificar áreas de *unidade linguística*, algo que está de acordo com o que a linguística moderna diz sobre a caracterização da comunidade de fala: a similaridade de performances

¹⁵ WEIJNEN, 1968 apud PRESTON, 1989, p. 6

¹⁶ Apud PRESTON, 1989

¹⁷ Apud Ibidem

¹⁸ Apud Ibidem

deixa de ser o principal critério de pertencimento, dando lugar à interação entre os membros (Gumperz, 1964¹⁹) e ao compartilhamento de normas em relação à língua (Labov, 1972).

A relação entre a percepção e a performance, e a possível correspondência entre elas, foi do interesse de alguns estudiosos que procuraram defender a percepção da variedade linguística como um critério para a caracterização da comunidade de fala. Outro aspecto importante para a Dialetoлогия Perceptual são os estereótipos linguísticos, definidos por Labov (1972) como traços referidos e debatidos entre membros da comunidade de fala, que podem ter um rótulo e uma forma característica que servem para identificá-los, ou seja, caricaturas que são imitadas, referidas e levadas adiante na comunidade. O levantamento de dados sobre os estereótipos linguísticos dependeria de perguntas como “você pode mencionar alguma diferença específica (entre o seu e o outro dialeto)?”²⁰ e “Existem palavras ou pronúncias peculiares deste lugar que sejam bem conhecidas pelas cidades/comunidades vizinhas?”²¹. Para Preston (1989), esses dados, embora tenham sido levantados em estudos anteriores, ainda não foram suficientemente explorados.

Experiências com o mapeamento de percepções foram realizadas no campo da geografia cultural com o uso de mapas em branco em que os falantes marcavam os limites entre regiões, distâncias, locais, etc. Preston (1989) apresenta diversos exemplos desses mapas feitos em comunidades norte-americanas, que de modo geral foram altamente reveladores da correspondência entre a estratificação social dos participantes da pesquisa e sua visão sobre o espaço em que habitam. Etnia, idade e classe foram algumas das variáveis que mais se mostraram relevantes para a interpretação das representações geográficas feitas pelos indivíduos, por exemplo. Outro método de distribuição das percepções pelo mapa é o que

¹⁹ Apud Ibidem

²⁰ RENSINK, 1955 apud PRESTON, 1989 p. 5-8

²¹ GROOTAERS, 1959 apud Ibidem, p. 5-8

relaciona respostas a um questionário com representações cartográficas sem a necessidade de que os respondentes desenhem.

O autor realizou estudos, de caráter exploratório, para buscar responder às seguintes perguntas: as técnicas utilizadas nos estudos feitos na Holanda poderiam ser revisadas para uma maior sofisticação sociolinguística? Melhores técnicas para realização cartográfica poderiam ser criadas? As técnicas da Geografia cultural poderiam ser usadas de maneira profícua em estudos linguísticos? Poderiam as imitações de outros dialetos feitas por informantes ser melhor estudadas, de maneira menos casual e acessória?

O quinto capítulo do livro *The perception of language variety in Brazil*²² apresenta os resultados de quatro estudos brasileiros, realizados no RS, sob a ótica da Dialetologia Perceptual. Os pontos de interesse dos trabalhos se dividem em: 1) mapas de regiões dialetais do estado desenhados por informantes de Porto Alegre (PORTO DO AMARAL, 1982)²³; 2) Indicação de graus de diferença entre os dialetos da região local e de outras regiões do estado por informantes santa-marienses (OLIVEIRA DO CANTO, 1982)²⁴; 3) Indicação de graus de correção e agradabilidade em relação à fala de outras regiões do estado por informantes porto-alegrenses (MACIEL, 1982)²⁵; 4) Indicação de graus de correção e agradabilidade em relação à fala de outras regiões de todo o Brasil por informantes de Bento Gonçalves (FAGGION, 1982)²⁶.

Metodologicamente, os estudos envolveram: 1) identificar que diferenças emergiriam da técnica dos mapas desenhados (*hand-drawn maps*) se os informantes se detivessem a uma área geográfica menor; 2) levantar mais informações etnográficas dos informantes sobre a etiologia de suas percepções do que já fora feito em estudos anteriores; 3) coletar mais cuidadosamente imitações dos informantes dos falares de regiões que eles mesmos

²² PRESTON, 1989, p. 85

²³ Apud PRESTON, 1989, p. 85 et seq.

²⁴ Apud Ibidem, loc. cit.

²⁵ Apud Ibidem, loc. cit.

²⁶ Apud Ibidem, loc. cit.

identificaram no mapa (1, 2 e 3 em AMARAL [1982]); 4) comparar um estudo com ranking forçado (*forced-rank*, com um número de posições limitado ao de áreas a serem analisadas) com um de ranking livre (*free-rank*, com uma escala de valores a serem escolhidos pelo informante) (em MACIEL [1982] e FAGGION [1982], respectivamente); 5) testar a utilidade dos graus de correção e agradabilidade em áreas geográficas menores (MACIEL, 1982); 6) buscar alternativas ao método usado nos estudos da Holanda e Japão, que consideraram graus de diferença entre a variedade local e as vizinhas (OLIVEIRA DO CANTO, 1982); 7) introduzir nos estudos *idade* como mais um nível de profundidade demográfica (*demographic depth*) (OLIVEIRA DO CANTO [1982] e FAGGION [1982]).

Porto do Amaral pediu a 14 informantes porto-alegrenses que desenhassem a mão e rotulassem as áreas percebidas como linguisticamente diferentes no estado. A influência de línguas europeias foi fortemente notada entre os informantes gaúchos de modo geral. Os conhecimentos de senso comum sobre como se dividem as variedades de português segundo a influência de outras línguas coincide bastante com as regiões colonizadas por falantes do italiano e alemão, áreas próximas de fronteiras com países de língua espanhola e áreas litorâneas com traços do português açoriano. Os mapas variaram em complexidade, mas as semelhanças entre eles permitiram a criação de um mapa composto através da demarcação de isoglossas.

Quando solicitados, os informantes caracterizaram traços típicos do dialeto com influência alemã, entre os quais estavam a troca da fricativa velar /x/ pela vibrante alveolar simples em contextos de R-forte (*te[r]a~te[ɾ]a*); o abaixamento de vogais médias-altas tônicas (*ch[o]pp~ch[ɔ]pp*); e a troca das fricativas palatais vozeadas por desvozeadas (*gente~[ʃ]ente*).

As caricaturas do português de áreas italianas também apontaram a troca da fricativa por tepe em contextos de /R/, assim como o uso de expressões italianas (*porca miséria, mama*

mia). Os entrevistados disseram perceber a variedade italiana como bastante melódica, o que traduziram como um português que soa “cantado” ao invés de falado.

As caricaturas da influência espanhola sobre o português deram conta da não palatalização das oclusivas alveolares antes de vogais anteriores altas (*abacá[tʃ]i~abaca[t]e*) e do uso de expressões em espanhol (*buenas, borracho*). Os falantes dessas regiões, em particular os homens, foram rotulados como agressivos, pelo seu falar frequentemente associado à figura do “macho”, do “grosso”.

O chamado português açoriano (nordeste e litoral do estado) teve a influência de Santa Catarina apontada por alguns entrevistados. O exagero no uso da palavra “coisa” e o falar “chiado” (palatalização do /s/ em coda silábica) foram algumas das principais marcas percebidas.

Esses resultados, interpreta Preston (1989), revelam a alta consciência sobre a imigração no RS por falantes gaúchos, algo que não é tão comumente percebido em comunidades norte-americanas, por exemplo. Este padrão talvez se explique por movimentos históricos, como a não participação do Brasil na primeira guerra mundial e, por consequência, a inexistência de leis anti-bilinguismo (anti-bilingual laws) na época. Outro resultado importante foi a identificação do “português puro” nas áreas não espontaneamente delineadas no mapa, o que sugere, assim como verificado nos estudos norte-americanos, que as variedades tidas como mais padrão têm menos probabilidade de serem notadas.

Oliveira do Canto controlou graus de diferença pedindo a santa-marienses que marcassem em um mapa detalhado áreas de: a) nenhuma diferença, b) pouca diferença, c) diferentes, d) muito diferentes (*free-rank study*). Os informantes foram divididos igualmente entre homens e mulheres, jovens e velhos. Para cada um dos graus foram atribuídas texturas que preenchiem círculos desenhados sobre cada região. Além dos graus de diferença, os círculos permitiram marcar no mapa o número de informantes que coincidiram na escolha de

um determinado grau. Preston (1989) considerou tal estratégia um avanço em relação aos métodos de barras e linhas (*bars and lines*, Grootaers, 1959²⁷) e *Little Arrows* (Weijnen, 1968).

Os círculos permitiram a delimitação de faixas no mapa, as quais apresentaram correspondência com as áreas desenhadas a mão pelos porto-alegrenses. Comparativamente ao estudo do Japão, foi surpreendente o fato de os informantes de Santa Maria terem marcado “nenhuma diferença” para diversas localidades próximas, o que lá não ocorreu, eliminando essa opção da análise. Mesmo assim, os resultados para pouca ou nenhuma diferença não ficaram comprometidos pela noção de distância geográfica, ou seja, as variedades não foram percebidas como mais diferentes a medida que se afastavam de Santa Maria, pelo contrário, áreas de colonização italiana e alemã próximas foram consideradas mais diferentes do que a capital, Porto Alegre, bem mais distante. Esse resultado, para Preston (1989), contradiz a afirmação de Grootaers de que a percepção da diferença entre áreas não é linguisticamente motivada. Também os subgrupos idade e gênero se revelaram importantes na discussão (possível em estudos futuros) da variação social da percepção: informantes mais velhos tiveram respostas diferentes das de informantes mais novos, fato que geraria espaço para a investigação de como varia a percepção em tempo aparente, por exemplo.

O estudo de Maciel (1982) testou a percepção de correção e agradabilidade solicitando aos informantes que classificassem 12 áreas do estado num ranking de 1 a 12. De modo geral, os rankings médios para os dois critérios foram muito semelhantes entre si, com poucas trocas de posições. As diferenças mais significativas foram encontradas nos valores de desvio padrão, que revelaram uma maior consistência nas respostas para correção do que para agradabilidade. A influência de outras línguas não se mostrou negativamente significativa nos

²⁷ Apud PRESTON, 1989

rankings, mas, por outro lado, cidades conhecidas por serem centros culturais importantes ou com grandes universidades foram as melhores ranqueadas em ambos os critérios.

O estudo de Faggion (1982), também baseado em *rankings*, reuniu avaliações de informantes adultos, universitários e profissionais, de Bento Gonçalves sobre o Brasil inteiro. Dessa vez, as posições no ranking puderam ser escolhidas livremente, inclusive com repetições (*free-rank*), numa escala de 1 a 10. Os resultados para correção apontaram os fatores *perto e urbano* como os mais significativos para as primeiras posições no ranking. Entretanto, a parte mais reveladora da pesquisa, segundo Preston, é a relacionada com os subgrupos controlados – Homens/mulheres; universitários (jovens)/profissionais (acima de 30 anos).

De modo geral, as diferenças de percepção encontradas entre os grupos separados por gênero e idade foi surpreendente, uma vez que seus membros, em relação ao resto do Brasil, compartilham do mesmo ambiente cultural e histórico. Os homens profissionais escolheram o Rio de Janeiro como o lugar em que se fala o português mais correto, também com a Bahia em posições mais altas, o que não ocorreu com nenhum dos outros grupos. As mulheres profissionais, por sua vez, no *ranking* de agradabilidade, tenderam a posicionar melhor a Bahia, o noroeste e o nordeste brasileiros, ao contrário dos homens. O estudo de Faggion serviu para reafirmar a necessidade da estratificação social para que se possa estabelecer os limites entre o correto e o agradável, uma vez que diferenças importantes não foram encontradas nos padrões gerais de percepção em Bento Gonçalves.

A conclusão de Preston (1989) sobre os resultados dos quatro trabalhos realizados no RS resume uma série de tendências para a pesquisa em Dialetologia Perceptual:

- 1) Os informantes desenham mapas com base em pistas geográficas, culturais, políticas e linguísticas. Suas marcações normalmente recaem sobre áreas com dialetos tidos

como não padrão e eles não vem problema em haver áreas em branco no mapa (áreas supostamente “sem dialeto”).

2) As pessoas notam graus de diferença e esses graus não necessariamente se expandem à medida que a distância geográfica aumenta.

3) As noções de mais correto e mais agradável são importantes, mas a segunda apresenta mais variação interna do que a primeira.

4) Fatos demográficos como sexo, idade e localidade geram interessantes diferenças nas respostas, independentemente do que é perguntado.

A Dialectologia Perceptual se ocupa de uma parte do conhecimento que pode fornecer critérios importantes para a identificação de variedades: a percepção dos falantes. A tarefa de delimitação da comunidade de fala passa pela identificação de normas compartilhadas, o que muitas vezes fica a cargo da interpretação do sociolinguista baseado em dados reais de fala e informações sobre a sócio-história da região, do local, da cidade (ver Capítulo 3). Se os dialetos existem e podem ser empiricamente verificados, eles também devem de alguma maneira existir dentro do sistema de crenças dos falantes. O método da Dialectologia Perceptual parte dessa visão e propõe a representação dessas crenças e atitudes através do espaço geográfico, assumindo que os falantes avaliam as variedades de língua sempre em relação ao seu próprio modo de falar e ao local onde vivem.

Os estudos sobre a percepção de variedades no RS reunidos pelo autor mostram que, de maneira bastante coerente, as pessoas conseguem identificar a origem étnica de cada região do estado como um fator relevante para o modo como lá se fala. Além disso, informantes de Porto Alegre se veem diferentes do interior em termos linguísticos e têm consciência sobre o histórico de imigração no estado, o que se atestou com a técnica dos mapas desenhados. Comparativamente ao que se fez em estudos pioneiros em Dialectologia Perceptual, os estudos

feitos no RS se diferenciam por experimentarem inovações metodológicas em uma área menor que a de um país.

O presente trabalho se baseia nos princípios metodológicos da Dialectologia Perceptual, principalmente utilizando a técnica dos mapas desenhados, para explorar a percepção de falantes do português em uma área ainda menor que a do estado, a cidade de Porto Alegre. O objetivo é, como se afirmou na Introdução (Capítulo 1), verificar se os falantes de Porto Alegre identificam subfalares no espaço geográfico no município, na hipótese de que a comunidade de fala de Porto Alegre, como outros grandes centros urbanos do país – extensos em termos territoriais e densamente habitados –, deva constituir-se de subcomunidades de fala.

6 METODOLOGIA

6.1 Seleção dos informantes

Para levantamento de dados de percepção de variedades na cidade de Porto Alegre, contou-se com uma amostra por acessibilidade ou conveniência²⁸, mas com vistas a uma estratificação equilibrada. Foram contatados oito informantes nascidos na cidade e que tivessem vivido lá toda sua infância e maior parte da vida. Por ser uma amostra-piloto, o primeiro critério de seleção dos informantes foi o local de residência: há na capital 4 zonas principais, conforme discutimos no Capítulo 4. No entanto, tais zonas não têm registro oficial em mapa. Para que pudéssemos trabalhar com as categorias *bairro* e *zona*, nos baseamos nas regiões oficiais do OP (ver Figura 1) para chegar à simplificação, aproximada conforme segue:

Figura 3 – Quadro: Zonas simplificadas com base nas regiões do OP

NORTE	Região 01 - HUMAITÁ/NAVEGANTES / Região 02 – NOROESTE / Região 05 – NORTE / Região 06 – NORDESTE / Região 14 - EIXO BALTAZAR / Região 17 – ILHAS.
SUL	Região 08 – RESTINGA; Região 09 – GLÓRIA; Região 10 – CRUZEIRO; Região 11 – CRISTAL; Região 12 - CENTRO-SUL; Região 13 - EXTREMO SUL; Região 15 – SUL.
LESTE	Região 03 – LESTE; Região 04 - LOMBA DO PINHEIRO; Região 07 – PARTENON.
CENTRO	Região 16 – CENTRO.

²⁸ Gil (1999, p.104) explica que, nesse tipo de amostragem, “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que esses possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão [estatística].”

Os informantes foram estratificados em gênero, idade e local de residência, de acordo com o que vai na Figura 4.

Figura 4 – Quadro: Estratificação dos informantes

Zona de residência	Gênero	
	Masculino	Feminino
NORTE	INF01 - 23 anos (Humaitá)	INF02 - 22 anos (Sarandi)
SUL	INF03 - 68 anos (Ipanema)	INF04 - 23 anos (Guarujá)
LESTE	INF05 - 24 anos (Jardim ypu)	INF06 - 40 anos (Santo Antônio)
CENTRO	INF07 - 27 anos (Centro Histórico)	INF08 - 68 anos (Centro Histórico)

Consideraram-se os gêneros masculino e feminino e foram formados dois grupos etários: menos de 39 anos de idade e 40 anos ou mais.

6.2 Instrumentos

6.2.1 A ficha social

A primeira etapa das entrevistas consistia no recolhimento de informações via formulários de cunho sócio-econômico (idade, profissão, renda), bem como dados sobre etnia e origem dos antecedentes (pais, avós, bisavós) e um breve resumo de hábitos e locais mais frequentados na cidade (ver Anexo 1), informações que nos permitiram analisar o contato desses informantes com outras comunidades fora de Porto Alegre e sua circulação dentro da cidade. Os informantes respondiam oralmente ao entrevistador, que preenchia o formulário a mão, fazendo anotações sempre que preciso.

6.2.2 O questionário de atitudes

A segunda etapa era a de aplicação de um questionário de atitudes (ver Anexo 2). Como se viu na revisão de Preston (1989), as pessoas, além de notarem graus de diferença entre variedades no espaço geográfico, usam noções de mais correto e mais agradável para descrevê-las, sendo que a segunda noção (agradabilidade) apresenta mais variação interna do que a primeira (correção). Suspeitou-se aí que atitudes em relação a falares de Porto Alegre e à própria comunidade seriam um elemento importante a ser considerado quando da análise dos dados registrados nos mapas. Por essa razão, decidiu-se verificar, além da percepção das diferenças entre variedades no espaço geográfico de Porto Alegre, atitudes em relação a seus possíveis sub-falares e ao próprio município.

Os informantes respondiam a caneta perguntas sobre sua relação com a cidade de Porto Alegre (o que mais gosta, o que não gosta, qual o perfil do porto-alegrense, entre outras) em seguida respondiam a um questionário completando as frases *os porto-alegrenses são* e *o português falado em Porto Alegre é* com pares de adjetivos. Para a primeira frase, os pares eram do tipo *religiosos-ateus, trabalhadores-preguiçosos*; para a segunda frase, eram do tipo *feio-bonito, desagradável-agradável*. O informante deveria decidir entre um dos extremos, marcando as opções *muito, bastante* ou, se não tivesse certeza, *indeciso*.

A técnica é inspirada em Kaufmann (2010), que se refere a ela como uma adaptação da *matched-guise technique*, que mede atitudes através dos mesmos pares de adjetivos, porém com um estímulo auditivo. Kaufmann afirma que a técnica, mesmo sem o estímulo auditivo, produz resultados:

A *matched guise technique* requer muita preparação e, por isso, mais uma vez é difícil de ser levada a cabo na pesquisa em campo. Por isso, Kaufmann, por exemplo, usou um método mais simples, aproveitando-se de Giles e Powesland, que provaram que se pode trabalhar com um *Semantic Differential* sem estímulo auditivo. Os resultados dos dois métodos mostram pouca diferença. (KAUFMANN, 2010, p. 131-132)

O controle desses dados nos permitiu fazer algumas reflexões sobre o tipo de avaliação que os entrevistados fazem sobre sua cidade, conchadões e modos de falar.

6.2.3 O mapa

Esse instrumento foi criado para a aplicação da técnica de *mapas desenhados* (ver capítulo 5). Ele consiste em um mapa reduzido da cidade de Porto Alegre²⁹ (tamanho de uma folha A4), apenas com o contorno externo do município, sem ruas ou indicações de bairros. Pontos conhecidos das quatro zonas da cidade foram colocados para auxiliar a localização. Devido à possível dificuldade de identificação da cidade vista de cima, uma vez que o mapa de Porto Alegre parece não ser um símbolo de fácil reconhecimento como são, por exemplo, os mapas do Brasil e RS, fornecemos aos entrevistados uma versão de mesmo tamanho e proporção preenchida com ruas e avenidas, sem os nomes, e com os nomes e localizações de todos os bairros (ver Anexos 3 e 4), para consulta sempre que ao informante fosse necessário.

Nessa etapa, era pedido que o entrevistado, com linhas e a caneta, circulasse áreas da cidade em que as pessoas tivessem um jeito diferente de falar e que, no mapa ou logo abaixo dele, registrasse características desse jeito, enunciado que ia impresso no rodapé da imagem. A edição do mapa original foi feita com o programa Adobe Illustrator CS5.

A análise dos dados permitiu a elaboração de hipóteses sobre possíveis subcomunidades dentro de Porto Alegre, bem como algumas conclusões sobre o

²⁹PORTO ALEGRE: bairros vigentes. Porto Alegre: Secretaria do Planejamento Municipal, 2011. 1 mapa, color. Escala 1:35000. Disponível em: < http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/bairros_vigentes_ultima-versao_2011.pdf> Acessado em 11/06/2014

conhecimento dos informantes sobre as diferentes áreas da cidade. Foi avaliada a recorrência de áreas demarcadas a mão e as razões de sua escolha, através dos desenhos e do conteúdo dos comentários registrados nos mapas.

Os resultados da aplicação desses instrumentos serão apresentados no capítulo que segue, juntamente com uma discussão preliminar sobre os padrões encontrados, buscando apontar caminhos para estudos futuros de variação em Porto Alegre e outros grandes centros urbanos.

7 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Passaremos a apresentar os resultados obtidos com a aplicação dos instrumentos para a análise da percepção de variedades na cidade de Porto Alegre e, em seguida, faremos uma breve discussão dos resultados.

7.1 Perfil dos informantes

Os resultados desta seção partem das informações contidas nas fichas sociais, conforme descritas no capítulo 6. Aqui, faremos algumas generalizações no intuito de traçar um perfil geral dos participantes da pesquisa. Uma análise estatística que tivesse correlacionado algumas dessas informações com o que se registrou nos mapas e no questionário de atitudes certamente teria possibilitado fazer afirmações mais conclusivas sobre os dados. Isso, no entanto, será realizado em desenvolvimentos futuros do trabalho.

Os informantes, todos porto-alegrenses, têm formação de nível superior completa ou são estudantes universitários. Considerando-se sua renda média, podem ser considerados de classe média ou classe média alta.

As perguntas feitas na primeira etapa das entrevistas abordavam tópicos como a origem étnica, nacionalidade e naturalidade dos antecedentes, dados que indicam o grau de contato dos informantes com outras regiões do estado e do Brasil. Muitos deles possuem familiares residentes no interior, alguns com pais que se mudaram de lá para Porto Alegre quando eram jovens. Em todos os casos, pelo menos um dos pais, avós ou bisavós é natural de uma cidade do interior do estado ou tem outra nacionalidade.

Outro aspecto relevante foram as informações sobre a circulação dos informantes dentro da cidade, o que se obteve através de perguntas sobre local e frequência com que realizavam determinadas atividades, tais como encontrar parentes e amigos, ir ao banco, fazer

compras, estudar, trabalhar. De modo geral, as oito pessoas entrevistadas têm uma circulação diária ou semanal que se concentra dentro do próprio bairro e em bairros próximos para a realização de atividades como compras, idas ao banco ou visitas a amigos e parentes. No que toca aos informantes que não residem na zona centro, todos disseram ir à zona centro com certa frequência para exercer alguma atividade, variando de pelo menos uma vez por semana a pelo menos uma vez por mês. Tal comportamento não se verificou em relação a nenhuma outra zona. Por fim, cinco dos oito informantes vão diária ou semanalmente trabalhar ou estudar em uma zona da cidade que não é a sua.

Nossa amostra, portanto, reúne porto-alegrenses de classe média e média alta de escolaridade superior ou superior incompleta, que têm algum contato próximo com pessoas do interior, o que podemos julgar pelo local de residência de membros importantes da família. Dentro da cidade, têm uma circulação diária ou semanal restrita aos bairros próximos daquele em que residem e ao seu local de trabalho e estudo, com atividades menos frequentes em outros bairros ou zonas. Para todos eles, a zona centro é uma espécie de “ponto de convergência”, ou seja, mensalmente, por uma razão ou outra, todos vão para lá, sendo que os dois que residem no bairro Centro Histórico são os que menos precisam ir a outras áreas de Porto Alegre no seu dia a dia.

7.2 Atitudes

O questionário de atitudes se dividiu em duas partes: uma dissertativa, com resposta livre sobre a cidade de Porto Alegre, outra objetiva, através do pares de adjetivos, sobre os porto-alegrenses e sobre o português falado em Porto Alegre (ver Anexo 2). No momento da aplicação do questionário, alguns informantes tiveram dúvida sobre o funcionamento da segunda parte, no que explicávamos que deveria ser preenchida com apenas um “x” por linha,

que os adjetivos nas extremidades da tabela eram extremos opostos (ex.: ateus-religiosos), que as colunas *muito*, *bastante* e *indeciso* representavam, respectivamente, um grau elevado, um grau intermediário e um neutro – que não tendia para nenhum dos extremos – e que não havia respostas consideradas corretas para quaisquer partes do questionário.

7.2.1 Questões dissertativas

As questões de resposta dissertativa eram: 1) *Do que você gosta em Porto Alegre;* 2) *Se você tivesse que descrever um porto-alegrense típico a um estrangeiro como o descreveria?;* 3) *Se você pudesse se mudar para outro lugar em Porto Alegre, que lugar seria esse? Por quê?;* 4) *Tem alguma coisa de que você não gosta em Porto Alegre? Se sim, o quê?.*

As respostas à primeira questão referiram pontos turísticos, cultura, clima, povo e tamanho da cidade de modo positivo, isto é, um número grande de aspectos da cidade foram vistos como qualidades. Um exemplo que ilustra bem esse tipo de manifestação foi “[Gosto] Da cultura gaúcha, do clima e dos ambientes para lazer (shoppings, parques, restaurantes, etc.)”.

As respostas à segunda questão foram as mais reveladoras da atitude positiva dos informantes em relação ao povo de Porto Alegre: todos eles pontuaram qualidades (o porto-alegrense é orgulhoso de suas origens, ético, amável, bairrista, alegre, receptivo, culto etc.) na descrição do porto-alegrense típico. Foram também feitas referências à língua, a hábitos e locais frequentados: “Fala cantado, come churrasco e bergamota, toma chimarrão, adora sua cidade e sai de noite para a Cidade Baixa”; “orgulhoso, geralmente culto, com português falado bem característico, bairrista e idealista de certa forma”.

A terceira questão mostrou que, de maneira geral, os informantes gostariam de se mudar para outro lugar de Porto Alegre e mesmo fora dela. Quatro informantes mencionaram

bairros da zona centro como seus preferidos, sendo que se dividiram entre bairro Centro Histórico e Menino Deus; dois referiram bairros da zona sul e dois mencionaram outros países. Mais tranquilidade, calma, segurança e opções de lazer foram algumas das razões para a escolha dos bairros preferidos.

A última questão revelou que os informantes veem como negativos, majoritariamente, aspectos estruturais e administrativos da capital: segurança, transporte, trânsito, limpeza pública, violência foram alguns dos mais citados. Outras características negativas mencionadas foram a *má educação do povo* e a *falta de cuidado da população e do poder público*, respostas aparentemente contraditórias se considerarmos as posições positivas constatadas na questão dois, porém, acreditamos que essas visões negativas sobre o povo porto-alegrense possam estar relacionadas a hábitos ruins em qualquer lugar, não especificamente em Porto Alegre, como jogar lixo no chão e depredação de monumentos e mobiliário urbano, o que portanto não desfaz os aspectos positivos apontados na questão anterior.

7.2.2 Teste de pares de adjetivos

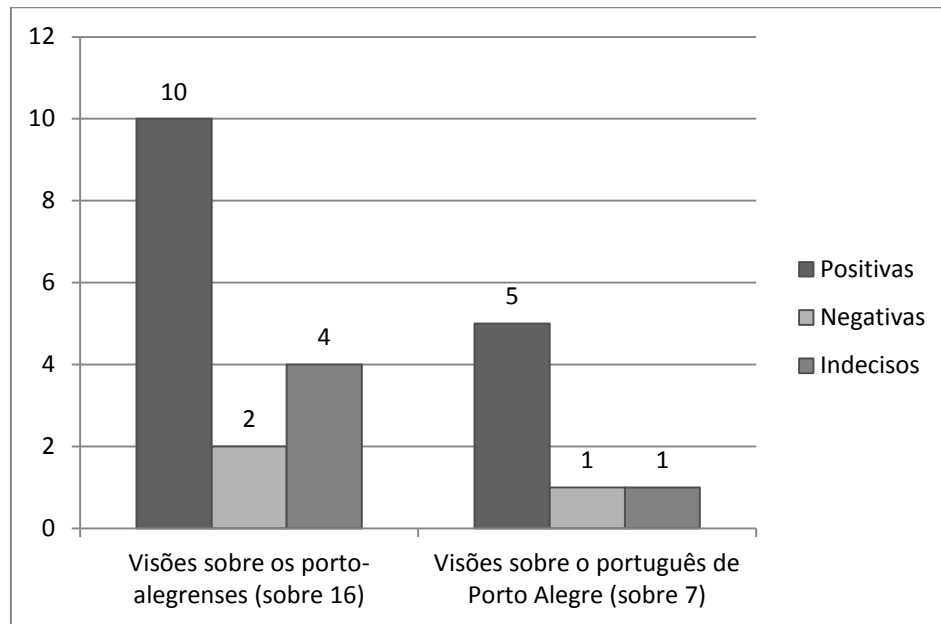
Os resultados desta etapa foram compilados através de contagem simples das respostas mais recorrentes. Os pares de adjetivos foram divididos conforme a possibilidade de os considerarmos positivos ou negativos, uma vez que alguns deles representavam opiniões de ordem não valorativa, enquanto outros representavam um julgamento de valor.

Figura 5 - Quadro: Pares de Adjetivos Valorativos x Não valorativos

Os porto-alegrenses são	
Valorativos	Não valorativos
Amáveis / Pouco Amáveis Prestativos / Pouco prestativos Trabalhadores / Preguiçosos Íntegros / Corruptos Altruístas / Egoístas Limpos / Sujos Inteligentes / Pouco inteligentes Cultos / Incultos Honestos / Desonestos Disciplinados / Indisciplinados Dignos de confiança / Indignos de confiança Cortesês / Descortesês Instruídos / Sem instrução Modestos / Arrogantes Simpáticos / Antipáticos Alegres / Tristes	Religiosos / Ateus Idealistas / Materialistas Conservadores / Liberais
O português falado em Porto Alegre é	
Valorativos	Não valorativos
Bonito / Feio Fácil para aprender / Difícil para aprender Moderno / Antiquado Agradável / Desagradável Correto / Incorreto Útil / Inútil Bom / Ruim	Musical / Pouco Musical Simples / Complicado Formal / Informal

Chegamos a dezesseis pares de opções positivas-negativas para julgamentos sobre os porto-alegrenses e a sete para julgamentos sobre o português de Porto Alegre, cujas escolhas foram predominantemente positivas, como se pode ver no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Visões positivas x negativas sobre os porto-alegrenses e o português de Porto Alegre.



O gráfico apresenta, separadamente, os resultados para cada uma das frases a serem completadas com apenas uma das opções do pares de adjetivos, conforme a Figura 5. Dos dezesseis pares em que os informantes poderiam se posicionar sobre o povo de Porto Alegre, 10 tiveram como a opção mais marcada pelos oito informantes o adjetivo positivo (amáveis, honestos, cortezes), o que é coerente com as descrições livres dos porto-alegrenses, apresentadas anteriormente (seção 7.2.1), seguido dos que se declararam indecisos e de dois adjetivos negativos como mais votados. O mesmo ocorreu em relação ao falar de Porto Alegre, com cinco características positivas entre as mais escolhidas, num universo de sete possibilidades.

Quando solicitados a falar sobre o português falado em Porto Alegre os, informantes o consideraram – além das características positivas *bonito*, *moderno*, *agradável* e *bom* – também *informal*, declarando-se indecisos sobre ser ele *musical* e *correto*. Os informantes, no tocante aos atributos não valorativos sobre os porto-alegrenses, se disseram indecisos sobre a religiosidade (*religiosos/ateus*), posicionamento filosófico (*idealistas/materialistas*) e conservadorismo (*conservadores/liberais*). A próxima seção, com enfoque nas percepções

exclusivamente sobre língua, permitirá o contraste entre as avaliações sobre o português da cidade como um todo e o de áreas internas específicas.

7.3 Mapas

A aplicação do instrumento *mapas* iniciava-se com a apresentação da versão preenchida do mapa de Porto Alegre (ver Capítulo 6 e Anexo 4) sobre a qual era perguntado pelo entrevistador “você conhece este lugar?”: todos ou demoraram a responder, concluindo que se tratava da capital apenas depois de lerem os nomes dos bairros, ou erraram a resposta, o que, concluímos, comprova que a representação cartográfica da cidade não é um símbolo reconhecido entre eles e justifica a necessidade de pontos de referência no mapa em branco. Era explicado que a versão preenchida serviria como um guia para consulta. Em seguida, era apresentada a versão em branco para que o informante circulasse áreas com um jeito diferente de falar. As dúvidas que surgiam nesse momento referiam-se aos tipos de diferenças a serem marcadas, ao que o entrevistador respondia que poderiam ser de qualquer tipo, por exemplo, formalidade/informalidade, diferenças de som, pronúncia ou sotaque, palavras usadas.

Seis dos informantes marcaram pelo menos uma área da cidade como diferente, dois deles disseram não perceber diferenças dentro da cidade. As marcações variaram em complexidade, indo de tão simples quanto a Figura 6 a tão complexas quanto a Figura 7:

Figura 6 - Mapa desenhado com menor grau de detalhamento na amostra.

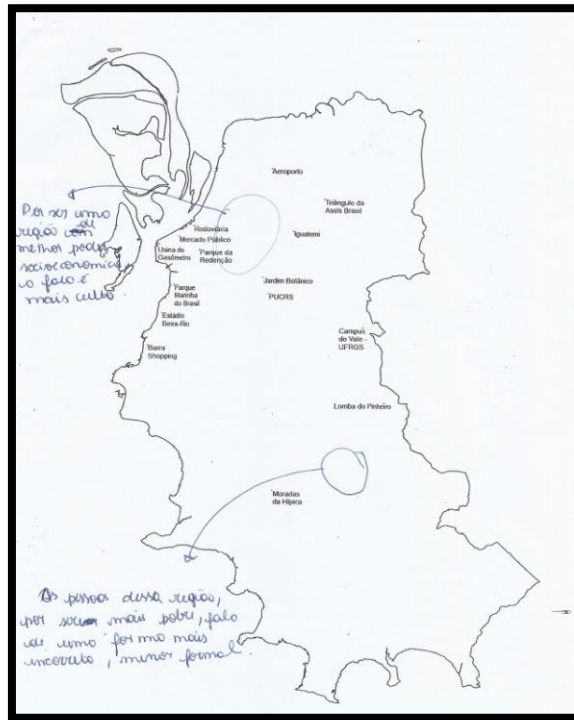
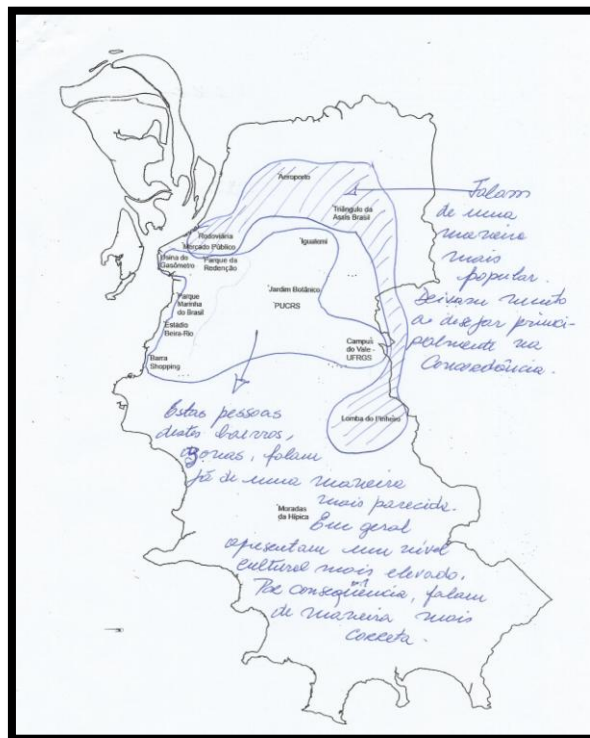


Figura 7 - Mapa desenhado com maior grau de detalhamento na amostra.



7.3.1 Áreas percebidas

A quantidade de áreas circuladas, variando em tamanho, foi de no máximo cinco. Quanto menor o número de áreas demarcadas, tanto menor era o tamanho delas. O desenho apresentado na Figura 2 é o que apresenta áreas de maior extensão na amostra, e foi feito por uma informante da zona centro, de 68 anos. Todos os entrevistados que fizeram marcações percebem a zona centro como uma região em que se fala diferente, com áreas circuladas no entorno dos pontos de referência *Mercado Público, Usina do Gasômetro, Rodoviária e Parque da Redenção*. A segunda mais circulada – por três informantes – foi a área do bairro *Restinga*, na zona sul. Todas as zonas da capital foram contempladas na amostra.

7.3.2 Características registradas

No geral, os informantes não conseguiram registrar subvariedades por traços linguísticos específicos, com exceção de um, que referiu a “concordância” (*falam de uma maneira popular. Deixam muito a desejar principalmente na concordância*), a qual interpretamos como tanto a queda de “s” de plural em nomes, quanto a concordância de número-pessoa dos verbos, mas o dado não permite maior aprofundamento e provavelmente se deu pela alta estigmatização das variantes não padrão dessas variáveis em todo o país, além da associação comum entre elas e a baixa escolaridade.

Os comentários sobre as áreas marcadas na zona centro, apesar de todos a terem referido, não apresentaram grande unidade, pelo contrário, foram de certa forma contraditórios. Enquanto quatro informantes avaliaram o português falado em áreas da zona centro como *informal, relaxado, coloquial, jovial, cantado* – devido à *mistura* e a *encontros com amigos* - outros dois o consideraram *culto e correto* – devido ao *melhor padrão*

*socioeconômico e ao nível cultural mais elevado*³⁰. Os bairros específicos citados foram *Moinhos de Vento e Cidade Baixa*, ambos em razão de um português mais informal.

Os comentários sobre a região do bairro Restinga³¹ e da zona norte³² descreveram o português de lá como *coloquial, popular, com presença de gírias, descuidado, incorreto, menos formal*, cujas razões são a *população desfavorecida financeiramente*, o que se verifica na seguinte afirmação: *As pessoas dessa região, por ser mais pobre, falam de uma forma mais incorreta, menos formal*. Esses resultados apontam para a classe social como um fator relevante para a percepção de variedades.

Relativamente à atitude positiva dos porto-alegrenses para com o português falado em Porto Alegre, os resultados obtidos através dos mapas indicam que tal atitude não é generalizada dentro da cidade, uma vez que regiões consideradas de classe inferior são caracterizadas exclusivamente por atributos negativos. Há que se considerar, no entanto, que a estratificação da amostra, adultos de escolaridade superior ou superior incompleta e classe média e média alta, pode ter exercido influência sobre as respostas, o que reforça ainda mais a importância da classe social no estudo.

³⁰ Em itálico, termos usados pelos informantes.

³¹ Bairro oficializado via Lei nº 6571 de 1990, a Restinga tem uma população de cerca de 50 mil habitantes e quase 15 mil domicílios, cada um com renda média mensal de três salários mínimos. Em seus 2.149 hectares, abrange 27 vilas e conta hoje com transporte, telefone, posto de saúde e instituições de ensino, sendo considerado por muitos “um autossuficiente (apesar de suas dificuldades) núcleo urbano dentro de Porto Alegre.” (SECRETARIA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, sem ano, p. 84-85)

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Restinga_\(Porto_Alegre\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Restinga_(Porto_Alegre)). Acesso em 06/07/2014.

³² Alguns dos bairros mais importantes da zona norte são o Sarandi e o Rubem Berta. Atualmente o Sarandi é um dos mais populosos de Porto Alegre. É composto de vilas e ocupações em processo de regularização. A região dispõe de comércio e serviços, “porém as atividades econômicas do bairro não absorvem a maioria da sua população. Por isso, boa parte de seus moradores trabalha nos bairros próximos como Cristo Redentor, Navegantes e Passo D’Areia [...]” (SECRETARIA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, sem ano, p. 101). O Rubem Berta é o bairro mais populoso da capital. Foi criado e delimitado pela lei municipal nº 3159 de 09/07/1968 e conta com mais de 78 mil habitantes (Censo/IBGE, 2010). “Os moradores do Rubem Berta são, em sua maioria, pessoas de classe média baixa, oriundos de outras regiões periféricas da capital e de cidades do interior do estado” (SECRETARIA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, sem ano, p. 86).

8 CONCLUSÃO

Neste trabalho, procurou-se discutir a comunidade de fala de Porto Alegre em sua complexidade: uma grande metrópole, capital estadual, de origem histórica multifacetada, com um falar característico em relação ao interior do estado. Nesse intuito, conceitos teóricos sobre a própria comunidade de fala, unidade básica para os estudos sociolinguísticos variacionistas, foram revisados.

Com o objetivo de levantar dados para análise de percepção e atitudes e de identificar possíveis subcomunidades de fala dentro do espaço urbano de Porto Alegre, nos valem de fundamentos metodológicos e técnicas da Dialetologia Perceptual (PRESTON, 1989), linha de estudos interessada nas visões sobre língua por não linguistas em sua distribuição no espaço geográfico.

Os resultados apresentados indicam que os porto-alegrenses da amostra têm uma circulação limitada dentro da cidade, principalmente indo do lugar em que vivem ao lugar em que trabalham ou estudam. A separação por zonas se revelou produtiva, permitindo uma unidade de referência espacial menor que a da cidade e maior que a do bairro, o que foi útil para a elaboração da hipótese de que a zona centro, e não bairros específicos, é percebida com maior frequência como linguisticamente diferente das demais e, quem sabe, tomada como referência para caracterizar o falar de Porto Alegre.

Os informantes foram unânimes ao revelar uma atitude positiva em relação à cidade, a seu povo e à variedade de português que falam. Quando expostos à tarefa de fazer generalizações sobre o que achavam do português de Porto Alegre como um todo, na maioria das vezes o consideraram *bonito, bom, agradável, moderno, útil*. No entanto, quando tiveram que apontar áreas e caracterizá-las em mapas, muitas vezes admitiram haver partes da cidade cujo português consideram *descuidado, pouco correto*, características conscientemente justificadas por eles como resultantes do baixo poder econômico, da classe social e do baixo

nível de instrução das pessoas dessas áreas. Essas avaliações negativas recaíram sobre regiões de alta densidade populacional, do extremo sul e do extremo norte, das quais apenas o bairro da Restinga pôde ser destacado com maior precisão.

Não foi possível caracterizar subcomunidades de fala de acordo com todos os critérios referidos no capítulo 3, uma vez que não foram mencionados traços linguísticos específicos por nenhum dos informantes. No entanto, devido à recorrência de menções a bairros e regiões da zona centro, os dados sugerem ser esta uma área representativa de um tipo de português porto-alegrense reconhecido e compartilhado pelos informantes das quatro zonas, já que todos têm contato relativamente frequente com essa região. O mesmo podemos dizer sobre a representatividade linguística do bairro Restinga, na zona sul, a segunda região mais mencionada na amostra.

A exposição e levantamento de informações a que nos dedicamos nesta pesquisa se sustenta como uma primeira checagem da percepção de variedades em Porto Alegre. Os dados levantados permitirão, em etapas futuras da pesquisa, realizar análise estatística do tipo associação e correlação de variáveis, para verificar se idade, classe social, gênero e atitudes em relação a Porto Alegre e ao português porto-alegrense têm efeito sobre a percepção das áreas e diferenças de língua. O estudo completo poderá subsidiar a realização de entrevistas sociolinguísticas por pesquisadores preocupados em obter dados de fala de fato representativos de Porto Alegre, essa entendida como uma comunidade de fala feita de subcomunidades, como se supõe ser peculiar a quaisquer grandes centros urbano.

9 REFERÊNCIAS

- BATTISTI, E. *Realizações variáveis de vogais tônicas em Porto Alegre (RS): ditongação ou ingliding?*. Fragmentum, Santa Maria, n. 39, out./ dez. 2013.
- BATTISTI, Elisa; GUZZO, Natália B. *A palatalização das oclusivas alveolares em Chapecó (SC)*. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. *Português do Sul do Brasil: Variação Fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 114-140.
- BISOL, L. *Palatalization and its variable restriction*. International Journal of Sociology of Language, n. 89, p.107-124, 1991.
- CASAGRANDE, G.P.B. *Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real*. Dissertação (Mestrado) – PUCRS, Porto Alegre, 2003.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, A. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- _____. *Dialectology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GUY, G. *A Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística*. Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28 e 29. 2000, p. 17-32.
- BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- KAMIANECKY, F. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa*. Porto Alegre: PUCRS. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do RS.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]. Tradução de Marcos Bagno.
- MONARETTO, V. N. O. *A Vibrante Pós-Vocálica em Porto Alegre*. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE; SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA; CENTRO DE PESQUISA HISTÓRICA. *Breve história de Porto Alegre*. Disponível em:
<http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_de_porto_alegre.pdf> Acessado em: 02/07/2014.
- PRESTON, D. *Perceptual Dialectology: Nonlinguists' Views of Areal Linguistics*. Dordrecht – Holanda /Providence: Foris Publications, 1989.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SCHWINDT, L.C.S. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do País: uma análise variacionista*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- SCHWINDT, L.C.S. *A regra variável de harmonia vocálica no RS*. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C.R. (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. 2002. p. 165-182.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. *História dos bairros de Porto Alegre*.

Disponível em:

<http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_d_e_porto_alegre.pdf> Acessado em: 02/07/2014.

SOUZA, N.J. *Breve história da cidade de Porto Alegre*. 2012. Disponível em:

<http://www.nalijosouza.web.br.com/Fund_POA.pdf> Acessado em: 02/07/2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968].

10 ANEXOS

10.1 Instrumentos

ANEXO 1 – Fixa de Entrevista

FICHA DE ENTREVISTA

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Nome:

[_____]

1.2 Endereço (Rua, número, telefone):

[_____]

1.3 Gênero:

[0] Masculino

[1] Feminino

1.4 Idade:[____] anos.

1.5 Infância - Localidade: [____] (usar Tabela de Localidades)

1.6 Já residiu – Localidade: [____], [____], [____], [____],[____]. (usar tabela Localidades)

1.7 Residência - Localidade: [____] (usar Tabela de Localidades)

1.8 Reside na localidade há quanto tempo? [____] anos.

1.9 Já viveu fora de Porto Alegre?

[1] Sim. [____] Anos

[2] Não.

1.9 Estado Civil:

[0] Solteiro

[1] Casado

[2] Separado/Divorciado

[3] Viúvo

1.10 Tem companheiro?

[0] Não

[1] Sim

2 ETNIAS

2.1 Com qual origem étnica o entrevistado se identifica? [____] (usar Tabela de Etnias)

2.2 Companheiro(a): [____] (usar Tabela de Etnias)

2.3 Origem étnica dos antecedentes? (usar Tabela de Etnias)

- 2.3.1 [____] Pai
- 2.3.2 [____] Mãe
- 2.3.3 [____] Pai do Pai
- 2.3.4 [____] Mãe do Pai
- 2.3.5 [____] Pai da Mãe
- 2.3.6 [____] Mãe da Mãe
- 2.3.7 [____] Pai do Pai do Pai
- 2.3.8 [____] Mãe do Pai do Pai
- 2.3.9 [____] Pai da Mãe do Pai
- 2.3.10 [____] Mãe da Mãe do Pai
- 2.3.11 [____] Pai do Pai da Mãe
- 2.3.12 [____] Mãe do Pai da Mãe
- 2.3.13 [____] Pai da Mãe da Mãe
- 2.3.14 [____] Mãe da Mãe da Mãe

2.4 Nacionalidade dos antecedentes? (usar Tabela de Etnias)

- 2.4.1 [____] Pai
- 2.4.2 [____] Mãe
- 2.4.3 [____] Pai do Pai
- 2.4.4 [____] Mãe do Pai
- 2.4.5 [____] Pai da Mãe
- 2.4.6 [____] Mãe da Mãe
- 2.4.7 [____] Pai do Pai do Pai
- 2.4.8 [____] Mãe do Pai do Pai
- 2.4.9 [____] Pai da Mãe do Pai
- 2.4.10 [____] Mãe da Mãe do Pai
- 2.4.11 [____] Pai do Pai da Mãe
- 2.4.12 [____] Mãe do Pai da Mãe
- 2.4.13 [____] Pai da Mãe da Mãe
- 2.4.14 [____] Mãe da Mãe da Mãe

2.4 Naturalidade dos antecedentes (brasileiros)?

- 2.4.1 [_____] Pai
- 2.4.2 [_____] Mãe
- 2.4.3 [_____] Pai do Pai
- 2.4.4 [_____] Mãe do Pai
- 2.4.5 [_____] Pai da Mãe
- 2.4.6 [_____] Mãe da Mãe
- 2.4.7 [_____] Pai do Pai do Pai
- 2.4.8 [_____] Mãe do Pai do Pai
- 2.4.9 [_____] Pai da Mãe do Pai
- 2.4.10 [_____] Mãe da Mãe do Pai
- 2.4.11 [_____] Pai do Pai da Mãe
- 2.4.12 [_____] Mãe do Pai da Mãe
- 2.4.13 [_____] Pai da Mãe da Mãe

2.4.14 [_____]Mãe da Mãe da Mãe

3 DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS

3.1 Profissão:

[_____]

3.2 Ocupação:

- [1] Empregado do setor público (mandatários, C.C. ou funcionário público).
- [2] Empregado do setor privado.
- [3] Empregador (urbano ou rural).
- [4] Agricultor (familiar).
- [5] Autônomo.
- [6] Estudante, Bolsista ou Estagiário.
- [7] Do Lar.
- [8] Empregado Doméstico.
- [9] Desempregado.
- [10] Aposentado/Pensionista.
- [0] Outro.

3.3 Número de moradores do domicílio: [_____]

3.4 Renda Domiciliar Mensal: R\$ [_____],00

3.5 Escolaridade: {Assinalar se completo ou em curso}

- [0] Nenhuma
- [1] 1.a - 4.a ano Fundamental (Primário)
- [2] 5.a - 8.a ano Fundamental (Colegial)
- [3] Médio (Ginasial)
- [4] Superior (Faculdade)

4 REDE DE COMUNICAÇÃO

(Usar Tabela de Localidades e Frequências)

4.1 Amigos/Parentes

Local Freq.

4.1.1.a [] []

4.1.2.b [] []

4.1.3.c [] []

4.2 Trabalho

Local Freq.

4.2.a [] []

4.2.b [] []

4.2.c [] []

4.3 Compras

Local Freq.

4.3.a [] []

4.3.b [] []

4.3.c [] []

4.4 Banco/Sindicato

Local Freq.

4.4.a [] []

4.4.b [] []

4.4.c [] []

4.5 Missa/Culto

Local Freq.

4.5.a [] []

4.5.b [] []

4.5.c [] []

4.6 Médico/Hospital

Local Freq.

4.6.a [] []

4.6.b [] []

4.6.c [] []

4.7 Escola/Universidade

Local Freq.

4.7.a [] []

4.7.b [] []

4.7.c [] []

5 MEIOS DE COMUNICAÇÃO

5.1 Leitura/Jornal

5.1.a Qual:[_____]

5.1.b [] Usar Tabela de Frequências

5.2.a Qual:[_____]

5.2.b [] Usar Tabela de Frequências

5.3.a Qual:[_____]

5.3.b [] Usar Tabela de Frequências

5.2 Leitura/Revista

5.2.a Qual:[_____]

5.2.b Usar Tabela de Frequências

6.2.a Qual:[_____]

6.2.b Usar Tabela de Frequências

6.2.a Qual:[_____]

6.2.b Usar Tabela de Frequências

6.3 Leitura/Livro

6.3.a Qual:[_____] (Gênero)

6.3.b Usar Tabela de Frequências

6.3.a Qual:[_____]

6.3.b Usar Tabela de Frequências

6.3.a Qual:[_____]

6.3.b Usar Tabela de Frequências

6.4 Audição/Rádio

6.4.a Qual:[_____]

6.4.b Usar Tabela de Frequências

6.4.a Qual:[_____]

6.4.b Usar Tabela de Frequências

6.4.a Qual:[_____]

6.4.b Usar Tabela de Frequências

6.5 Audição/Televisão

6.5.a Qual:[_____]

6.5.b Usar Tabela de Frequências

6.5.a Qual:[_____]

6.5.b Usar Tabela de Frequências

6.5.a Qual:[_____]

6.5.b Usar Tabela de Frequências

7 LINGUAGUEM

7.1 Fala/entende outra língua?

[0] Não.

[1] Sim.

7.1.a Italiano.

[0] Não.

[1] Sim.

7.1.b Alemão.

[0] Não.

[1] Sim.

7.1.c Espanhol.

[0] Não.

[1] Sim.

7.1.d Inglês.

[0] Não.

[1] Sim.

7.1.e Outra.

Qual: [_____]

7.2 Proficiência

7.2.a Compreensão: [0] Nada [1] Pouco [2] Razoável [3] Boa [4] Excelente

7.2.b Fala : [0] Nada [1] Pouco [2] Razoável [3] Boa [4] Excelente

7.2.c Leitura : [0] Nada [1] Pouco [2] Razoável [3] Boa [4] Excelente

7.2.d Escrita : [0] Nada [1] Pouco [2] Razoável [3] Boa [4] Excelente

7.3 Compreensão

Interlocutor

7.3.a Familiar: Frequência: []

7.3.b Amigo: Frequência: []

7.3.c Vizinho: Frequência: []

7.3.d Colega: Frequência: []

7.3.e Outro: Frequência: []

7.3.f Qual: [_____]

7.4 Situação

8 ENTREVISTA

8.1 Entrevistador:

[_____]

8.2 Data da Entrevista:

[___/___/___]

TABELAS

1. Tabela de Localidades

[1] Agronomia .

[2] Anchieta

[3] Arquipélago

[4] Auxiliadora

[5] Azenha

[6] Bela Vista

[7] Belém Novo

- [8] **Belém Velho**
- [9] **Boa Vista**
- [10] **Bom Fim**
- [11] **Bom Jesus**
- [12] **Camaquã**
- [13] **Campo Novo**
- [14] **Cascata**
- [15] **Cavanhada**
- [16] **Cel. Aparício Borges**
- [17] **Centro Histórico**
- [18] **Chácara das Pedras**
- [19] **Chapéu do Sol**
- [20] **Cidade Baixa**
- [21] **Cristal**
- [22] **Cristo Redentor**
- [23] **Espírito Santo**
- [24] **Farrapos**
- [25] **Farroupilha**
- [26] **Floresta**
- [27] **Glória**
- [28] **Guarujá**
- [29] **Higienópolis**
- [30] **Hípica**
- [31] **Humaitá**
- [32] **Independência**
- [33] **Ipanema**
- [34] **Jardim Botânico**
- [35] **Jardim Carvalho**
- [36] **Jardim do Salso**
- [37] **Jardim Floresta**
- [38] **Jardim Isabel**
- [39] **Jardim Itu-Sabará**
- [40] **Jardim Lindóia**
- [41] **Jardim São Pedro**
- [42] **Lageado**
- [43] **Lami**
- [44] **Lomba do Pinheiro**
- [45] **Marcílio Dias**
- [46] **Mário Quintana**
- [47] **Medianeira**
- [48] **Menino Deus**
- [49] **Moinhos de Vento**
- [50] **Mont Serrat**
- [51] **Navegantes**
- [52] **Nonoai**
- [53] **Partenon**
- [54] **Passo da Areia**
- [55] **Pedra Redonda**
- [56] **Petrópolis**
- [57] **Ponta Grossa**
- [58] **Praia de Belas**
- [59] **Restinga**
- [60] **Rio Branco**
- [61] **Rubem Berta**
- [62] **Santa Cecília**

- [63] **Santa Maria Goretti**
- [64] **Santa Tereza**
- [65] **Santana**
- [66] **Santo Antônio**
- [67] **São Geraldo**
- [68] **São João**
- [69] **São José**
- [70] **São Sebastião**
- [71] **Sarandi**
- [72] **Serraria**
- [73] **Teresópolis**
- [74] **Três Figueiras**
- [75] **Tristeza**
- [76] **Vila Assunção**
- [77] **Vila Conceição**
- [78] **Vila Ipiranga**
- [79] **Vila Jardim**
- [80] **Vila João Pessoa**
- [81] **Vila Nova**
- [0] Outra/Não sabe**

2. T a b e l a d e E t n i a s

- [1] Italiana
- [2] Alemã
- [3] Portuguesa
- [4] Espanhola
- [5] Polonesa
- [6] Indígena
- [7] Africana
- [8] Outra
- [0] Não sabe

3. T a b e l a d e F r e q u ê n c i a s

- [0] Nunca
- [1] pelo menos uma vez por ANO
- [2] pelo menos uma vez por SEMESTRE
- [3] pelo menos uma vez por MÊS
- [4] pelo menos uma vez por SEMANA
- [5] pelo menos uma vez por DIA

ANEXO 2 – Questionário de atitudes

I- Porto Alegre

1. Do que você gosta em Porto Alegre?

2. Se você tivesse que descrever um porto-alegrense típico a um estrangeiro, como o descreveria?

3. Se você pudesse se mudar para outro lugar em Porto Alegre, que lugar seria esse? Por quê?

4. Tem alguma coisa de que você não gosta em Porto Alegre? Se sim, o quê?

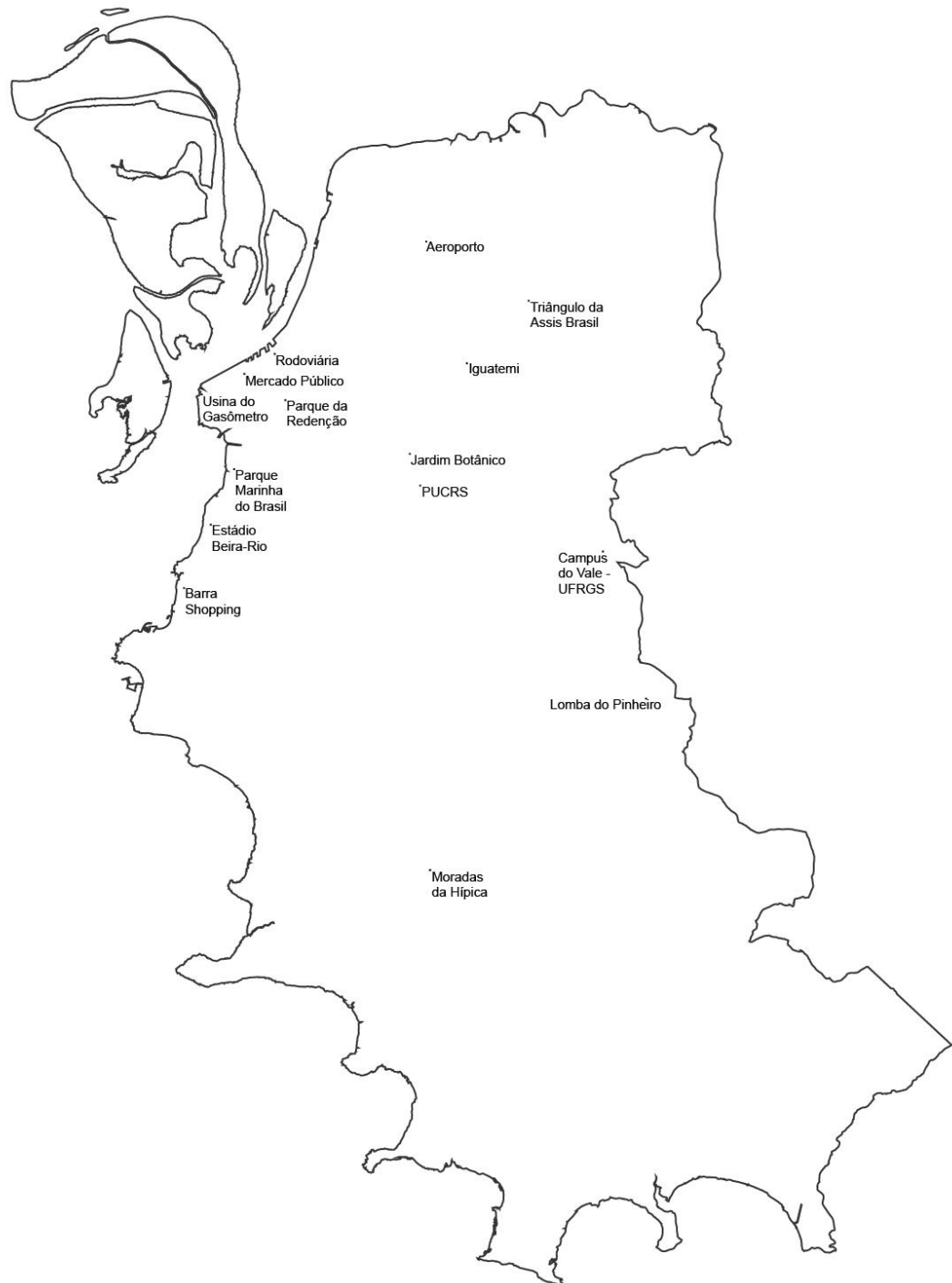
II- Os porto-alegrenses

		OS PORTO-ALEGRENSES SÃO					
		muito	bastante	indeciso	bastante	muito	
1	Religiosos						ateus
2	Idealistas						materialistas
3	Amáveis						pouco amáveis
4	pouco prestativos						prestativos
5	trabalhadores						preguiçosos
6	corruptos						íntegros
7	Altruístas						egoístas
8	Limpos						sujos
9	pouco inteligentes						inteligentes
10	Cultos						incultos
11	desonestos						honestos
12	disciplinados						indisciplinados
13	indignos de confiança						dignos de confiança
14	Corteses						descorteses

15	instruídos						sem instrução
16	arrogantes						modestos
17	conservadores						liberais
18	simpáticos						antipáticos
19	Alegres						tristes

III- O português falado em Porto Alegre

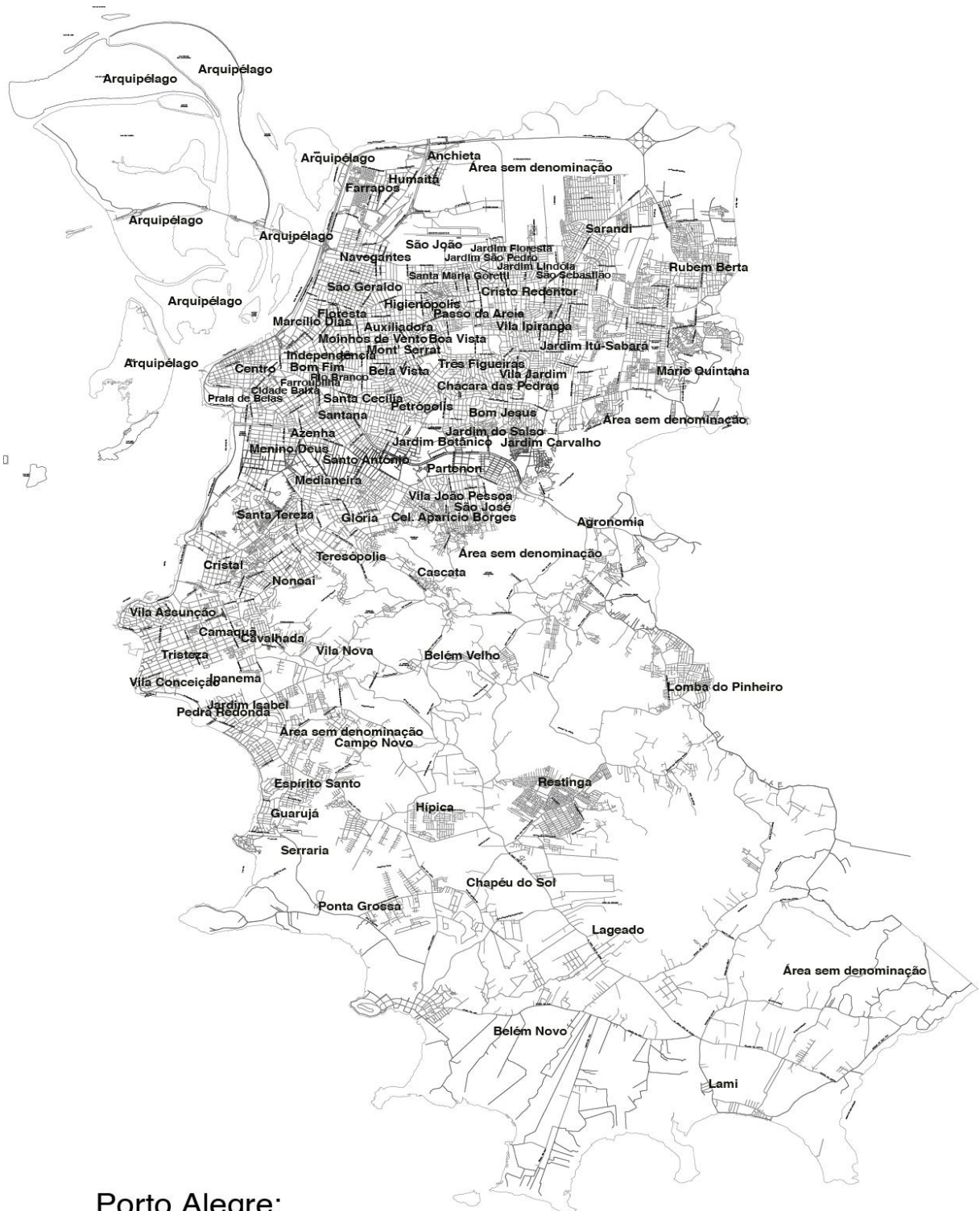
		O PORTUGUÊS FALADO EM PORTO ALEGRE É					
		muito	bastante	indeciso	bastante	muito	
1	Feio						bonito
2	fácil para aprender						difícil para aprender
3	antiquado						moderno
4	pouco musical						musical
5	desagradável						agradável
6	simples						complicado
7	Incorreto						correto
8	Formal						informal
9	útil						inútil
10	Bom						ruim

ANEXO 3 – Mapa em branco, com pontos de referência, para preenchimento do informante

Com linhas, circule áreas da cidade em que as pessoas têm um jeito diferente de falar. No mapa ou logo abaixo dele, registre características desse jeito.

Escala 1:35.000

ANEXO 4 – Mapa com bairros vigentes de Porto Alegre para consulta



Porto Alegre:
Bairros Vigentes
e Vias Principais.

Escala 1:35.000

ANEXO 5 - Termo de consentimento livre e esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado participante, leia com atenção o texto a seguir. Ele contém informações a respeito do estudo do qual você consente em participar.

Dados da pesquisa

Pesquisador: Renan Silveiro Rosa, Graduando, Letras, UFRGS

Orientadora: Elisa Battisti, Doutora, PPGLET/UFRGS

Propósitos e benefícios

Este estudo tem o objetivo de identificar falares de Porto Alegre. Está relacionado a uma pesquisa cadastrada junto ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Procedimentos

O participante responderá oralmente e por escrito questões gerais sobre Porto Alegre. Com linhas e em mapas, registrará áreas dialetais da cidade, conforme sua própria percepção. Os depoimentos orais poderão eventualmente ser gravados. As gravações resultantes serão inutilizadas após a pesquisa e, se transcritas, serão anonimizadas. Além disso, o participante poderá ser solicitado a preencher um questionário sociolinguístico.

Informações complementares

A participação neste estudo é voluntária e sem custos. Todos os participantes têm a liberdade de cancelar sua participação em qualquer momento. O material gravado será analisado somente pelo pesquisador. A identidade de todos os participantes permanecerá confidencial.

DECLARAÇÃO

Declaro que li e compreendi as informações acima mencionadas e que consinto participar desta pesquisa.

.....
Nome

.....
Assinatura

.....
Data

10.2 Informações complementares

ANEXO 6 – Regiões do OP: bairros

Região 01 - HUMAITÁ/NAVEGANTES

BAIRROS:

Anchieta, Farrapos, Humaitá, Navegantes, São Geraldo.

Região 02 - NOROESTE

BAIRROS:

Boa Vista - Cristo Redentor - Higienópolis - Jardim Itú - Jardim Lindóia - Jardim São Pedro - Passo Dareia - Santa Maria Goretti - São João - São Sebastião - Vila Floresta - Vila Ipiranga

Região 03 - LESTE

BAIRROS:

Bom Jesus - Chácara das Pedras - Jardim Carvalho - Jardim do Salso - Jardim Sabará - Morro Santana - Três Figueiras - Vila Jardim

Região 04 - LOMBA DO PINHEIRO

BAIRROS:

Agronomia - Lomba do Pinheiro

Região 05 - NORTE

BAIRRO:

Sarandi

Região 06 - NORDESTE

BAIRRO:

Mário Quintana

Região 07 - PARTENON

BAIRROS:

Cel. Aparício Borges - Partenon
- Santo Antônio - São José - Vila João Pessoa

Região 08 - RESTINGA

BAIRRO:

Restinga

Região 09 - GLÓRIA

BAIRROS:

Belém Velho - Cascata - Glória

Região 10 - CRUZEIRO

BAIRROS:

Medianeira - Santa Tereza

Região 11 - CRISTAL**BAIRRO:**

Cristal

Região 12 - CENTRO-SUL**BAIRROS:**

Camaquã - Campo Novo - Cavallhada - Nonoai - Teresópolis - Vila Nova

Região 13 - EXTREMO SUL**BAIRROS:**

Belém Novo - Chapéu do Sol - Lageado - Lami - Ponta Grossa

Região 14 - EIXO BALTAZAR**BAIRROS:**

Passo das Pedras - Rubem Berta

Região 15 - SUL**BAIRROS:**

Espírito Santo - Guarujá - Hípica - Ipanema - Pedra Redonda - Serraria - Tristeza - Vila Assunção - Vila Conceição

Região 16 - CENTRO**BAIRROS:**

Auxiliadora - Azenha - Bela Vista - Bom Fim - Centro Histórico - Cidade Baixa - Farroupilha - Floresta - Independência - Jardim Botânico - Menino Deus - Moinhos de Vento - Mont Serrat - Petrópolis - Praia de Belas - Rio Branco - Santa Cecília - Santana

Região 17 - ILHAS**BAIRROS:**

Arquipélago (Ilha das Flores, da Pintada, do Pavão e Ilha Grande dos Marinheiros)